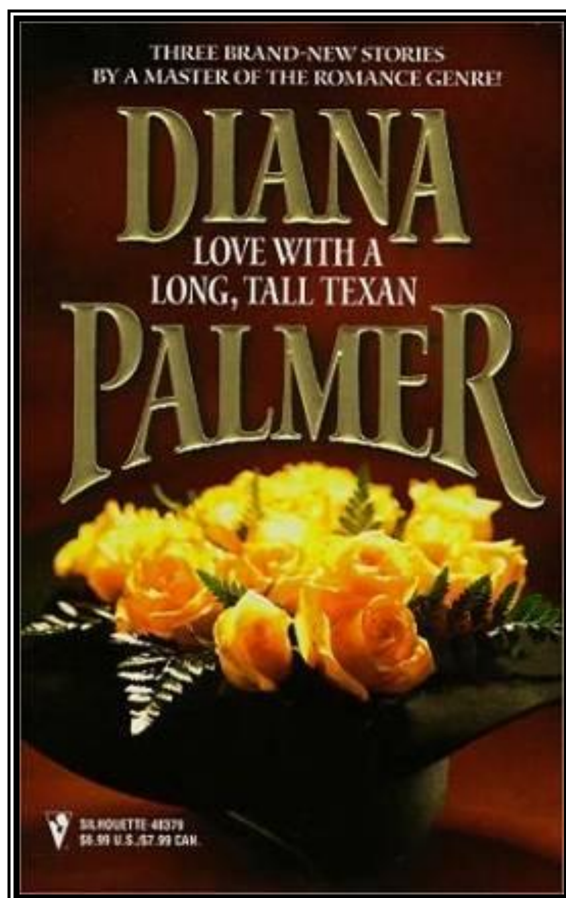
Love With A Long, Tall Texan 3

<u>*Guy Fenton*</u>

— Guy Fenton e Candace "Candy" Marshall —

Diana Palmer

Série Homens do Texas 21

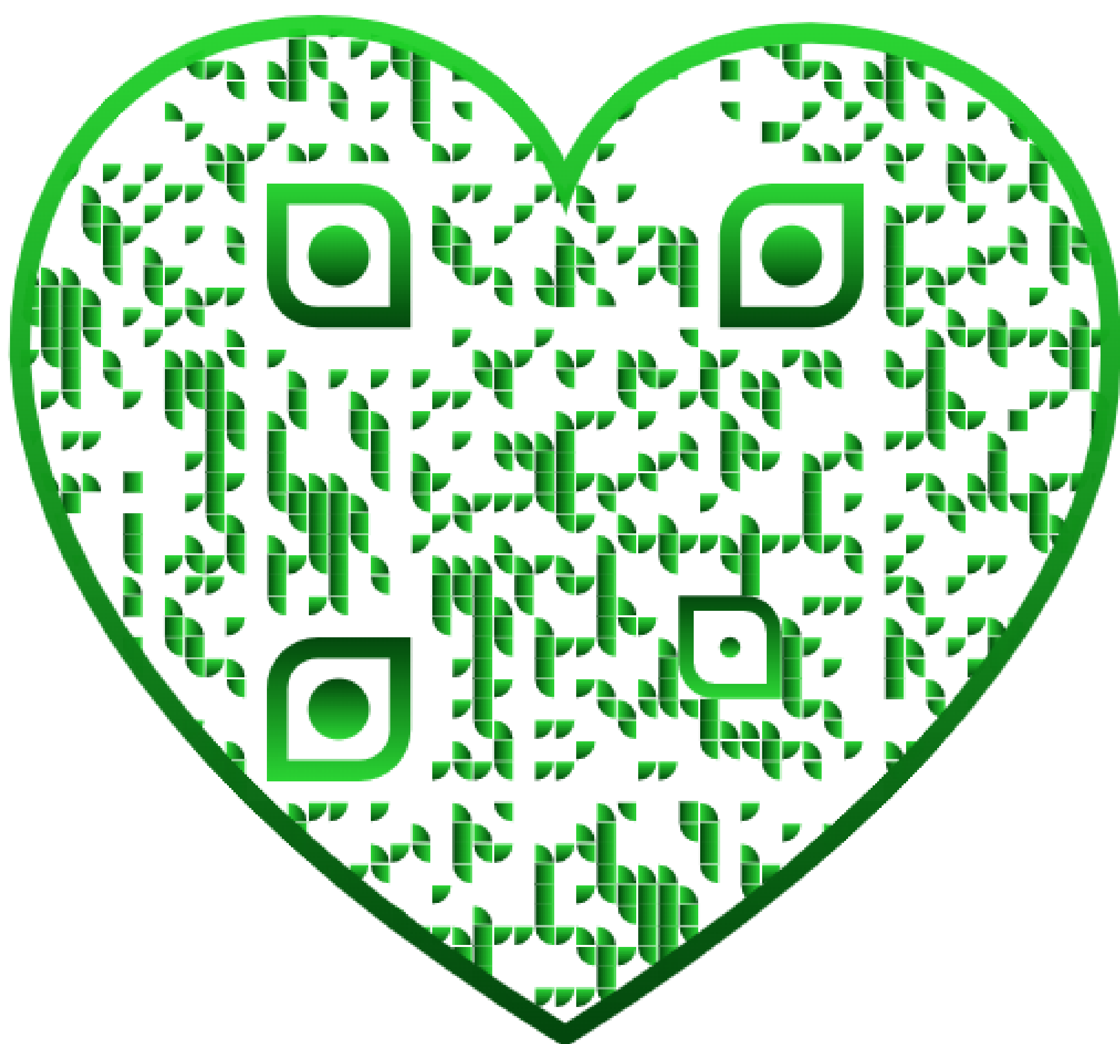


Eram altos, fortes e independentes, e tinham todas as mulheres de Jacobsville a seus pés. Mas tem que ser muito especial para domesticar estes duros texanos e conseguir que renunciem as suas apreciadas liberdades. Porque quando estes texanos se apaixonam, fazem-no de verdade e para toda a vida, sem barreiras no meio…

Luke Craig, o esquivo solteiro. Nunca tinha sido "laçado" - até que a mulher mais irritante que conheceu, entrou em sua vida.

Christopher Deverell, o viajante. Uma ambiciosa jornalista estava a ponto de escrever a história do século… a menos que ele pudesse detê-la.

Guy Fenton, o rebelde. Sua má fama estava além de toda redenção… até que uma suscetível publicitária jura fazê-lo ficar de joelhos.



Capítulo 1

Este foi um dia pra recordar… Um encontro, por acaso, com um velho conhecido uns meses antes tinha feito voltar à superfície as más lembranças e o tinha impulsionado a beber… E no dia seguinte, pós bebedeira, Guy vivia a vida real…

— Por esta miséria de salário mais valeria ir à praia do que ficar na fazenda! — queixou-se ele em voz alta.

— Concentre-se nessa máquina e dê graças a Deus de que eu não tenha que descer aí para vacinar essas vacas. — disse uma voz com marcado acento sulino atrás dele.

Guy olhou por cima do ombro e Justin Ballenger e sorriu.

— Não estará insinuando que as coisas podem ficar pior por aqui, não é verdade?

Justin meteu as mãos nos bolsos e pôs-se a rir.

— Isso é o que parece. Venha aqui. Quero falar contigo.

O grande chefe saía pra falar com os trabalhadores, por isso aquela ocasião era pelo menos curiosa. Guy acabou desligou a máquina de triturar o feno e se aproximou de um dos dois proprietários da fazenda de criação de gado.

— O que posso fazer por você, chefe? — perguntou-lhe amavelmente.

— Pode deixar de se embebedar nos fins de semana — respondeu Justin, muito sério.

As maçãs do rosto marcado de Guy se cobriram de um ligeiro rubor.

— Não sabia que aqui as "conversas" corriam tão depressa… — Guy murmurou, desviando o olhar para o gado.

— Não se pode cortar as unhas dos pés em Jacobsville sem que alguém fique sabendo. — replicou Justin. — Faz tempo que está se afastando, mas ultimamente vai por muito mau caminho, filho. — acrescentou com voz profunda e tranqüila. — Eu não gostaria de ver como segue se afundando.

Guy apertou a mandíbula sem olhar para seu chefe.

— É meu caminho. Tenho que andá-lo.

— Não, nada disso. — disse Justin secamente. — Há três anos trabalha aqui. Nunca te perguntei por seu passado e não vou fazer agora. Mas odeio ver um bom homem perdendo-se também. Tem que esquecer o passado.

Guy o olhou então nos olhos. Os dois tinham a mesma estatura, mas Justin era mais velho e robusto. Não era um homem com quem Guy queria lutar.

— Não posso esquecer… o passado. — disse — Você não entende.

— Não, não te entendo. — disse Justin — Mas nem os lamentos nem os excessos poderão mudar o que te ocorreu.

Guy respirou fundo e olhou para o horizonte. Não disse nada, porque se desse rédea a sua ira, Justin o despediria. E, por mais que odiasse seu trabalho, não podia permitir-se perdê-lo.

— Rob Hartford se instalou em Vitória e vem para ver-me freqüentemente — disse finalmente. —Estava ali… Quando aconteceu.

— Ele não sabe, mas despertou em mim as lembranças…

— Digo-lhe; as pessoas não podem ler a mente.

Guy suspirou e olhou Justin com seus olhos cinzas.

— Seria um golpe muito duro para ele, ele não agüentaria minha ira se resolvesse falar de meu passado, é meu…

— Seria um golpe ainda mais duro pra você, se acabasse no cárcere. Ainda bem que agora tem sentido suficiente comum para não dirigir nesse estado.

— Ainda bem — repetiu Guy com voz lenta — De acordo, chefe. Farei o que puder.

Voltou a desviar o olhar para o horizonte e o mesmo fez Justin.

— O inverno está próximo — murmurou — Logo teremos tempo para enviar estes bois antes de comprar mais feno.

— Só os loucos se atrevem a dar cevada ao gado — comentou Guy, aliviando a tensão.

— Isso dizem — corroborou Justin com um débil sorriso.

Guy encolheu os ombros.

— Tentarei me manter afastado do bar.

— É uma estupidez gastar o salário em bebida cada fim de semana — declarou o outro. — Não importa qual seja a razão. Mas não vim para falar com você disso.

Guy franziu o cenho.

— Então para que?

— Amanhã virá nos visitar uma publicitária de Denver. Dedica-se ao setor boiadeiro, e quer visitar alguns ranchos da região para ter uma idéia dos métodos que estamos empregando.

— Por que? — perguntou Guy cortantemente.

— A associação de boiadeiros, da qual Evan Tremayne acaba de ser eleito presidente, quer relançar a imagem do setor. Ultimamente não esteve muito boa com a imprensa, devido à contaminação bacteriológica e a alguns boiadeiros renegados e suas práticas. Nós não seguimos esses métodos e queremos deixar bem claro aos consumidores de carne. Evan também pretende comercializar carne magra para uma clientela específica.

— Acreditava que Evan estava muito ocupado com sua mulher para preocupar-se dos negócios. — murmurou Guy.

— Oh, Anna lhe está fazendo toda a papelada. — respondeu Justin — São inseparáveis, dentro e fora dos negócios. Em qualquer caso, esta publicitária chega amanhã e os Tremayne estão fora da cidade. Ted Regam e sua mulher estão em uma convenção em Utah, e Calhoun e eu estaremos ocupados com um comprador. É o único vaqueiro que temos que sabe tanto do setor como nós, especialmente em todo o relacionado com os currais. Escolhemos você para que seja seu guia.

— Eu? — resmungou Guy. Resmungou baixo e olhou furioso para seu chefe. — O que aconteceu com os Hart? São quatro irmãos no rancho.

— Dois. — corrigiu Justin — Cag está em sua lua de mel, e Corrigan foi com sua mulher, Dorie, visitar Simon e Tira em Santo Antonio. Acabam de ter seu primeiro filho. — acrescentou, rindo — e eu não gostaria de endossar a publicitária aos dois solteiros. Não sabemos se saberá fazer bolachas, mas Leo e Ray estão tão desesperados que não acredito que dê importância.

Guy se limitou a assentir. O gosto dos Hart pelas bolachas era legendário no povo.

Lástima que nenhum deles soubesse cozinhar.

— De modo que você foi o eleito.

— O meu negócio é o rodeio, não os ranchos — assinalou Guy.

— Sim, sei. — disse Justin, olhando-o fixamente. — Ouvi dizer que foi de avião a todas as competições e que pilotava você mesmo.

— Eu nunca falo disso — espetou Guy com um olhar fulminante.

— Sim, isso também ouvi. — disse Justin, elevando as mãos. — Bom, só queria que soubesse que amanhã não estará aqui, assim ocupe-se em delegar as tarefas que necessita antes de amanhã.

— De acordo — aceitou Guy com um suspiro. — Suponho que não poderá fazê-lo você… ou Calhoun.

— Sinto muito. Shelby e eu temos que ir ao colégio pela manhã. Nosso filho mais velho atua na peça de Ação de Graças. — sorriu — Faz o papel de espiga de milho.

Guy não disse nada, mas seus olhos brilhavam e seu lábio inferior tremia.

— Faz bem em manter a boca fechada, Fenton. — acrescentou Justin com um sorriso malicioso. — Ouvi dize que ainda falta o ator para o peru. Seria uma pena que tivesse que te oferecer como voluntário para esse papel em vez de deixar que apresente o rancho a publicitária.

Justin afastou-se e Guy pôde soltar a gargalhada que estava reprimindo. Às vezes seu trabalho deixava de lhe importar.

Voltou para barracão ao acabar o trabalho. Estava vazio, salvo por um jovem universitário de Boffings chamado Richard, que estava estendido em um cama de armar lendo Shakespeare. Ele levantou o olhar do livro quando Guy entrou.

— O cozinheiro se enjoou, assim todos foram procurar o jantar fora de casa — lhe disse Richard. — Só estamos você e eu esta noite. Os outros foram a uma festa na cidade.

— Malditos parvos com sorte. — murmurou Guy. Tirou-se o chapéu e deitou-se em seu beliche com um débil suspiro. — Odeio o gado.

Richard, A quem os outros vaqueiros chamavam «Fraco», pôs-se a rir. Relaxava-se muito mais quando Guy e ele eram os únicos a compartilhar o barracão. Para alguns dos vaqueiros mais velhos, quase todos analfabetos, gostavam de afastar-se dele e de sua afeição pelos estudos.

— Pode ser que o gado cheire mau, mas ao menos serve para pagar minha matrícula. — comentou Fraco.

— Quantos anos ainda tem que ir à universidade? — perguntou-lhe Guy com curiosidade.

O jovem se encolheu de ombros.

— Normalmente são dois. Mas o único modo que tenho de costear os estudos é ir a classe durante um semestre e trabalhar o outro, de modo que levarei quatro anos só me graduar.

— Não pode conseguir uma bolsa?

Fraco negou com a cabeça.

— Minhas notas não são bastante boas para aspirar a uma bolsa importante, e meus pais ganham muito dinheiro para que eu possa receber ajuda econômica.

— Tem que haver um modo — disse Guy, entreabrindo o olhar. — Falaste com o

departamento financeiro de sua universidade?

— Pensei, mas um companheiro me disse que não perdesse o tempo.

— Qual é sua especialidade?

— Medicina. — respondeu Fraco com um sorriso. — Tenho um longo caminho por diante, inclusive depois de obter o título.

Guy não sorriu.

— Me ocorrem algumas idéias. Deixe que pense com calma.

— Você já tem muitos problemas, senhor Fenton. — disse o jovem — Não tem que preocupar-se comigo além disso.

— O que te faz pensar que tenho problemas?

Fraco fechou o livro de literatura que tinha nas mãos.

— Todos os fins de semana sai para beber. Ninguém bebe tanto só por distração, e menos um homem tão sério e responsável como você durante o resto da semana. Nunca evita suas responsabilidades nem delega tarefas a ninguém, e sempre está sóbrio quando trabalha. — sorriu timidamente — Suponho que passou por momentos muito graves.

A expressão de Guy se tornou fria e distante.

— Sim. Muito grave. — Murmurou. Ficou de barriga para cima e cobriu os olhos com o chapéu. — Oxalá você pudesse me substituir amanhã, Fraco.

— Por que?

— Porque assim seria você e não eu que iria agüentar amanhã a publicitária.

— Ouvi falar dela pelo senhor Ballenger. Diz que é muito bonita.

— Ele não me disse isso.

— Talvez quer que seja uma surpresa.

Guy se pôs-se a rir.

— Pois miúda surpresa. Essa mulher se deprimirá quando cheirar o curral.

— Bom, nunca se sabe — murmurou Fraco, passando as páginas do livro. — Deus… como odeio Shakespeare.

— Concentre-se.

— Você também o odiaria, se tivesse que fazer um curso de literatura medieval.

— Fiz dois, obrigado. Ambos com sobressalente.

Fraco permaneceu calado um minuto.

— Foi à universidade?

— Sim.

— Licenciou-se?

— Sim.

— Em que ramo?

— Em que especialidade — corrigiu Guy.

— De acordo, em que especialidade?

— Em Física — respondeu ele, sem mencionar que seu título superior era em engenharia aeronáutica e sua sub-especialidade era a Química.

Fraco soltou um assobio.

— E está trabalhando em um rancho de gado?

— Em seu dia me pareceu uma boa idéia. E certamente é uma ocupação física — acrescentou.

Fraco soltou uma gargalhada.

— Está brincando verdade? Guy sorriu sob o chapéu.

— Possivelmente. Volta para seus estudos, filho. Eu preciso descansar.

— Sim, senhor.

Guy permaneceu acordado até bem entrada a madrugada, pensando na universidade. De jovem tinha sido igual a Fraco, cheio de sonhos e ilusões. A aviação tinha sido o amor de sua vida até que Anita cruzou em seu caminho. E inclusive então ela foi parte do sonho, porque também lhe encantavam os aviões. Animava-o com entusiasmo, desfazia-se em elogios com seus desenhos e o acalmava quando o resultado não era o esperado. Nunca lhe permitiu que renunciasse de seu sonho nem se queixou das largas horas que passava longe dela. Sempre estava aí, esperando, como um anjo de cabelo escuro.

Ele lhe tinha dado o anel justo antes de subirem no avião, pela última vez. Sempre revisava meticulosamente cada detalhe do aparelho. Mas naquela ocasião estava mais pendente de Anita que do motor. A pequena avaria poderia haver-se reparado se tivesse se detectado a tempo. Mas não foi assim. O avião caiu sobre as árvores e ficou suspenso nos ramos. Poderiam ter saído com tão somente uns machucados, mas Anita foi lançada contra a porta do passageiro que, afrouxada pelo impacto, abriu-se ao receber seu peso. Guy ainda a via em seus pesadelos, pendurando a quinze metros do chão, olhando-o com olhos exagerados de terror enquanto gritava seu nome, sem nada que freasse sua queda salvo a dura terra do bosque…

Ergueu-se pela metade no beliche, suando e respirando com dificuldade. Fraco dormia placidamente. Oxalá ele pudesse fazer o mesmo. Apoiou a cabeça nas mãos e soltou um fraco gemido. Três anos era tempo suficiente para o lamento, havia dito Justin. Mas Justin não o compreendia. Ninguém o compreendia. Só ele.

Na manhã seguinte entrou meio dormido no manjedoura, vestido com uns jeans azuis, uma camisa xadrez de flanela e sua jaqueta de pele de novilho. Levava seu chapéu Stetson bege de asa larga, desgastado e manchado pelos anos de duro trabalho. Tampouco suas botas ofereciam muito melhor aspecto. Só tinha trinta anos, mas se sentia como se tivesse sessenta, e se perguntava se ofereceria um aspecto tão velho.

Ouviu vozes que saíam da sala de Justin quando ele entrou na sala de espera da fazenda. Fay, a bonita e miúda esposa do J. D. Langley, sorriu-lhe e lhe fez um gesto para que passasse. Tecnicamente era a secretária de Calhoun Ballenger, mas aquele dia se ocupava também de substituir à outra secretária.

Guy lhe devolveu o sorriso enquanto levava uma mão ao chapéu e entrou no despacho. Justin se levantou, e também o fez a pequena mulher morena que o acompanhava. Tinha os olhos marrons maiores e vulneráveis que Guy tinha visto em um ser humano. Uns olhos que pareciam atravessá-lo até o coração.

— Apresento A Candace Marshall, Guy — disse Justin — É uma publicitária autônoma que trabalha principalmente para o setor boiadeiro. Candy, este é Guy Fenton. É o encarregado da fazenda.

Guy tocou a asa do chapéu, mas não o tirou nem sorriu. Aqueles olhos marrons lhe faziam mal. Eram uns olhos como os de Anita, quentes, suaves e cheios de afeto. Guy podia vê-los em seus pesadelos enquanto ela gritava lhe pedindo ajuda…

— Encantada em conhecê-lo, senhor Fenton — disse Candy muito seriamente, lhe oferecendo uma mão.

Guy a estreitou fracamente, sem entusiasmo, e se apressou a meter as mãos nos bolsos.

— Guy vai mostrar-lhe os ranchos da zona antes de lhe mostrar a fazenda. — seguiu Justin. Tirou duas folhas datilografadas e estendeu uma a cada um. — Fay preparou estas listas. Incluem um mapa, se por acaso não reconhecerem onde estão os ranchos. Os rancheiros locais contratam nossos serviços para cevar a sua ração e os bezerros. — explicou a Candy. — Também temos um consórcio com a "Mesa Branca", para a qual trabalha J. D. Langley, o marido de Fay. Qualquer detalhe que necessite sobre a administração ou os custos, Guy poderá facilitar-lhe, ele está a três anos conosco e está a cargo dos programas de alimentação, que são extremamente científicos.

— Científicos? — perguntou Candy, observando Guy com renovado interesse.

— Licenciou-se em Química — acrescentou Justin — Justo o que necessitamos para preparar os concentrados e as mesclas segundo as proporções de peso e obter o maior benefício.

Candy sorriu brandamente a Justin e afastou uma mecha que se soltou do recolhido francês que levava na nuca.

— Meu pai era boiadeiro, de modo que entendo um pouco deste negócio. De fato, minha mãe dirige um dos maiores ranchos de Montana.

— Sério? — perguntou Justin, impressionado.

— Ela, J. D. Langley e os Tremayne confabulam contra outros boiadeiros nas convenções. — continuou ela — São bastante radicais.

— Não me recorde — gemeu isso Justin — Nada de aditivos, nem hormônios, nem antibióticos nem pesticidas, nem herbicidas…

— Conhece J. D. — exclamou Candy, rindo. Guy se esforçava por não fixar-se em como era parecida com Anita. Estava muito bonita quando sorria.

— Todo mundo conhece J. D. por aqui. — respondeu Justin com um exagerado suspiro, e olhou a hora em seu Rolex. — Bom, tenho que ir. Mãos à obra!

Candy estava examinando rapidamente a lista.

— Senhor Ballenger, é impossível que vejamos todos estes ranchos em um só dia!

— Sei. Será necessário uma semana, pelo menos. Tomamos a liberdade de alojá-la em nosso melhor hotel. A associação de boiadeiros correrá com todos os gastos, assim não vá regular em comida. — explicou. Fixou-se na extrema magreza de Candy e franziu o cenho. — Se encontra bem?

Ela se endireitou e sorriu deliberadamente.

— Tive gripe. E é muito duro recuperar as forças.

— Sim. Mas ainda é muito cedo para a gripe.

Ela assentiu.

— Verdade que sim?

Justin duvidou e encolheu de ombros.

— Seja como for, vá com calma. Guy, se não se importar, combine tudo com o Harry cada manhã e lhe dê as instruções pertinentes. Já sei que têm seus trabalhos atribuídos para a semana que vem, mas faça de toda forma.

— Claro, chefe — disse Guy perigosamente. — Bom, senhorita Marshall, vamos?

— É obvio — respondeu ela. Dirigiu-se para seu carro de aluguel, mas então viu Guy afastar-se na direção contrária. — Senhor… Fenton? chamou-o, tendo que deter-se para recordar seu nome.

Ele se voltou, com as mãos ainda nos bolsos.

— Por aqui — disse — Iremos em um dos caminhões. Não poderá atravessar os pastos de Bill Gately com esse carro sem romper o eixo.

— OH… — murmurou ela. Olhou o carro e logo a caminhonete negra com o logotipo vermelho dos Ballenger's na porta — Entendo — acrescentou, e foi lentamente para a caminhonete. Chegou um pouco ofegante e se encarapitou ao degrau, mostrando uma perna bonita e esbelta quando a saia lhe deslocou para cima. Agarrou a maçaneta e se levantou a cabine com um gemido afogado.

— Não está em muito boa forma — disse ele. — Bronquite?

Ela duvidou um momento antes de responder.

— Sim. Pela gripe.

— Tentarei mantê-la longe do pó durante a visita — disse ele, fechando a porta atrás dela.

Candy se sentou e teve que segurar a respiração antes de poder apertar o cinto. Enquanto isso, Guy se sentou ao volante, sujeitando-o com uma mão enluvada, enquanto observava sua pele pálida e suas bochechas avermelhadas. A mulher não tinha bom aspecto.

— Madruguei muito — disse finalmente, apartando uma mecha solta. — Estou bem. De verdade — insistiu com um sorriso forçado enquanto suavizava a expressão de seus grandes olhos marrons.

Guy esteve a ponto de soltar um gemido. As lembranças lhe transpassaram o coração e o deixaram sem ar. Rapidamente girou a chave no contato e pôs o veículo em marcha.

Segure-se — lhe disse secamente — Choveu muito e os caminhos estão em muito mal estado.

— Enlameados?

— Alguns enlameados. Outros completamente alagados.

— As inundações invernais — murmurou ela.

— O El ninhõ. — disse ele — Causou estragos na Costa Oeste, e em tudo o que havia por perto. Não acredito ter visto tanta chuva no Texas em toda minha vida.

— Nasceu você aqui?

— Mudei-me aqui faz três anos.

— Então não é texano — disse ela, assentindo.

O girou a cabeça para olhá-la.

— Não disse que não nasci no Texas. Só que não sou de Jacobsville.

— Sinto muito.

Ele voltou a olhar a estrada, com a mandíbula tensa.

— Não tem por que desculpar-se.

Ela respirava com dificuldade, como se não pudesse enchê-los pulmões de ar. Apoiou a cabeça contra o assento e fechou os olhos durante um minuto. Suas sobrancelhas

se juntaram em uma careta de dor.

Guy freou e ela abriu os olhos com um sobressalto.

— Está doente — disse ele.

— Não, não estou — protestou ela — Já disse. Ainda estou fraco pela gripe, mas posso fazer meu trabalho, senhor Fenton. Por favor, não… não se preocupe — acrescentou, muito rígida. Girou a cabeça e perdeu o olhar na triste paisagem outonal.

Guy franziu o cenho e seguiu avançando pela acidentada pista que conduzia à estrada principal. Aquela mulher se mostrava muito suscetível quando falava de sua saúde, e era óbvio que ocultava algo. Oxalá pudesse averiguar do que se tratava.

O primeiro rancho da lista pertencia ao velho Bill Gately, no caminho de Vitória. Não era o mais interessante dos ranchos de Jacobsville, explicou Guy quando chegaram.

— Bill não mudou com o passado do tempo — disse, com a vista fixa no caminho. — Cresceu nos trinta, quando ainda se seguiam empregando nos ranchos os métodos tradicionais. Não gosta de alimentar ao gado com nenhum complemento, mas acabou cedendo quando conseguimos lhe demonstrar as diferenças no peso — desviou o olhar para ela e sorriu ironicamente. — Isso não quer dizer que se vendeu. E temo que vai ter problemas com você.

Candy se pôs-se a rir.

— Suponho que as mulheres não pertencem à indústria boiadeira. Como pode estar tão cega a associação de boiadeiros para encarregar a publicidade a uma mulher? E em qualquer caso, por que necessitam publicidade quando todo mundo gosta da carne?

— Muito certo — disse ele. — Bill terá esses mesmos argumentos e alguns mais. Tem setenta e cinco anos e pode lhe dar mil voltas a muitos de nossos vaqueiros. — voltou a olhá-la — Acreditam que conheceu pessoalmente a Tom Mix.

— Estou impressionada -disse ela.

— Sabe quem é Tom Mix?

Ela voltou a rir.

— Não sabe todo mundo? Era uma estrela do cinema mudo. Tenho várias de seus filmes — disse, encolhendo-se de ombros. — Eu não gosto muito dos filmes modernos, à exceção de algumas protagonizadas pelo John Wayne.

Guy girou bruscamente e trocou de marcha enquanto desciam pelo que parecia uma garganta molhada.

— Vê o que lhe dizia destes caminhos? — perguntou enquanto a caminhonete se endireitava ao pé do ravina.

— Sim, vejo-o — corroborou ela, tentando recuperar a respiração. — Que classe de veículo conduz o senhor Gately?

— Nenhum — respondeu ele. —Vai a cavalo aonde tenha que ir, e se necessitar provisões ou fornecimentos, faz que alguém os traga — sorriu. — A loja do povo tem de um tudo. Do contrário, o velho Bill morreria de fome.

— Estou de acordo!

Guy voltou a trocar de marcha.

— Como se fez rancheira sua mãe?

— Meu pai era rancheiro — respondeu ela — Quando morreu, minha mãe seguiu encarregando do rancho. Ao princípio lhe resultou muito penoso. Tínhamos capatazes

como seu senhor Gately, que ainda viviam no século passado. Mas minha mãe é a lei personificada e consegue reunir Às pessoas sem tentá-lo sequer. As pessoas a adoram e todos fazem algo que peça. Não é autoritária nem desumana, mas sim muito teimosa para obter as coisas a sua maneira.

— Surpreende-me — disse ele. — Quase todas as mulheres que alcançam uma posição de autoridade se convertem em autênticas ditadoras.

— Você conheceu muitas dessas mulheres? — perguntou-lhe ela.

Guy pôs uma careta pensativa com os lábios.

— Vi muitas nos filmes.

Ela negou com a cabeça. — Esses filmes foram escritas e dirigidas por homens. — assinalou — O que se vê no cinema e na televisão não é mais que a idéia que tem um homem sobre uma figura feminina. Não se parece em nada à realidade. E, certamente, minha mãe não é como essas mulheres. Pode disparar uma Winchester, conduzir o gado e levantar uma porta, mas deveria vê-la com um vestido do Valentino e diamantes.

— Entendo.

— Percorreu um caminho muito comprido e difícil — seguiu ela. — Sinto que meu pai morrera, porque até esse momento minha mãe não sabia nada do trabalho nem dos negócios. Isso a converteu em uma mulher dura. — concluiu. Poderia ter acrescentado "e fria como o gelo", mas não o fez.

— Tem irmãos ou irmãs?

Ela voltou a negar com a cabeça.

— Só eu — respondeu, girando a cabeça para ele — E você?

— Tenho um irmão. Está casado e vive na Califórnia. E uma irmã que vive no Estado de Washington. Também está casada.

— Você alguma vez se casou?

O rosto do Guy se endureceu como o granito.

— Nunca — murmurou, trocando de marcha enquanto se aproximavam do velho e desmantelado rancho. — Aí está Bill.

Capítulo 2

Bill Gately tinha o cabelo branco e coxeava ao caminhar, mas tinha um corpo tão magro e ágil como o de muitos homens com a metade de seus anos. Estreitou-lhes a mão cortesmente e olhou Candy com uma sobrancelha arqueada, mas não fez nenhum comentário quando Guy lhe explicou no que consistia seu trabalho.

— Justin Ballenger disse que não lhe importaria que déssemos uma olhada em seu rancho — disse Candy com um sorriso. — Parece que tem feito progressos surpreendentes com os pastos.

Os olhos azuis do ancião se iluminaram como se acendesse uma lâmpada.

— É obvio que os tenho feito, jovencita — disse sem dissimular seu entusiasmo. A agarrou pelo cotovelo e a levou a parte de atrás da casa, lhe explicando as dificuldades da plantação e o cultivo da erva. — Não seria rentável a grande escala porque é muito cara, mas tive um grande êxito e estou descobrindo a maneira de reduzir custos graças à mescla

de pasto comum com o cultivado. Os bezerros se alimentam desses pastos seguindo um sistema giratório até que se convertem, e então eu os envio a Justin e Calhoun para que terminem de cevá-los para pô-los à venda — sorriu — Também consegui engordar muito o gado. Talvez deveria deixar que os Ballenger se encarregassem do marketing, mas eu gosto de realizar minhas próprias vendas. De todos os modos, só tenho cem cabeças de gado, e isso é muito pouco para incomodar aos Ballenger.

— Onde está acostumado a vender seu gado? — perguntou-lhe ela com curiosidade.

— Vendo-o uma cadeia de hamburgues. — respondeu ele, e lhe deu o nome. Era uma cadeia local que tinha começado com muito poucos recursos e que agora estava se estendendo pelas grandes cidades.

Candy arqueou as sobrancelhas.

— Estou verdadeiramente impressionada — lhe disse — Quase todas as cadeias de comida rápida importavam a carne da Sudamérica, até que se divulgaram as notícias sobre o desmatamento das selvas. Aquilo provocou uma drástica redução no consumo de carne, porque a gente não queria que os rancheiros da Sudamérica arrasassem a selva para que seus gados pudessem pastar.

— É o mesmo argumento que eu empreguei! — exclamou com um gesto de ênfase — E também funcionou. Estão começando inclusive anunciar seus hambúrgueres como os únicas que não saem da selva amazônica. E se quisessem, poderiam as anunciar também como «de cultivo orgânico», porque não emprego nada artificial na comida do gado.

Candy suspirou.

— OH, senhor Gately, oxalá! pudéssemos empacotá-lo e vendê-lo a você! Que enfoque tão magnífico para a cria de gado.

Bill se ruborizou como um adolescente. Mais tarde, afastou-se com Guy e lhe disse que nunca tinha conhecido ninguém tão qualificado como Candy para a publicidade do setor boiadeiro, e Guy transmitiu toda essa conversa a Candy enquanto voltavam para Jacobsville.

O rancho Gately lhes tinha ocupado quase toda a tarde, porque Candy tinha examinado os jornais de Bill para comprovar os progressos obtidos nos pastos, como o emprego da chamada erva de búfalo, que os granjeiros tinham arrasado quase por completo nos primeiros anos da colonização.

— É muito meticulosa em seu trabalho — comentou Guy.

— Esperava alguém descuidado para fazer um trabalho tão importante? — perguntou-lhe.

Ele levantou uma de suas fortes e esbeltas mãos. — Não era minha intenção te provocar. Unicamente queria afirmar que parece ser muito boa no que faz.

Ela se recostou no assento com um pequeno suspiro

— Orgulho-me de meu trabalho — confessou — E nunca foi uma tarefa fácil. Há muitos boiadeiros como o senhor Gately, embora não tão fáceis de convencer, que gostam de me fazer sentir-me incômoda.

— Como?

— OH, asseguram-se de que eu vá sozinha pelos pastos quando os touros estão soltos — comentou, estalando com a língua — E me fazem entrar nos estábulos quando as vacas estão sendo inseminadas artificialmente. Uma vez tive uma conversação a gritos com

um rancheiro diante de um estábulo, porque uma égua estava sendo inseminada e não havia maneira de fazer-se ouvir.

Guy soltou um assobio.

— Surpreende-me. Acreditava que a maioria dos homens que se dedicam isto guardavam mais respeito ao sexo oposto.

— E assim é, sempre que ela esteja fazendo bolachas na cozinha.

— Não te ocorra falar de bolachas diante dos Hart! — exclamou ele — Rey e Leo ainda estão solteiros, e não te acreditaria até onde chegaram por umas bolachas desde que Corrigam, Simon e Cag se casaram e partiram de casa.

Candy riu.

— Isso já ouvi no escritório de Denver. — disse. — Em qualquer convenção de gado sempre se fala dos Hart. Cada dia são mais escandalosos.

— E mais exagerados.

— Quer dizer que não foi certo que Leo levou uma cozinheira de uma cafeteria do Jacobsville uma manhã e não a deixou partir até que não lhe fizesse bolachas?

— Bom, aquilo foi…

— E que Rey não contratou uma cozinheira em Houston para que lhe preparasse quatro bandejas de bolachas e que alugou um furgão refrigerado para as levar ao rancho?

— Bom, sim, mas…

— E que quando a senhora Barkley se aposentou e deixou o restaurante Jones House, em Vitória, Rey e Leo lhe estiveram mandando rosas e bombons durante duas semanas até que aceitasse a trabalhar para eles?

— É alérgica às rosas — murmurou ele. — E engordou muito por culpa desses bombons.

— Certamente a estas alturas já seja alérgica a esses meninos, pobrecita — disse Candy com uma risada. — A verdade é que nunca conheci gente assim!

— Seguro que em Montana também há personagens curiosos.

Candy ssacudiu o pó da saia.

— Claro que sim, mas é gente como o velho Ben, que se juntava com o Kid Curry e Butch Cassidy, e que está cumprindo condenação por roubar trens.

Guy lhe dedicou um sorriso.

— Isso é mais grave que seqüestrar uma cozinheira.

— Não sei. Ouvi que um dos Hart tem uma serpente gigante. Compadeço-me de sua mulher!

— Tinha uma píton albina, mas quando se casou com Tess deu a pitón a um criador. Está acostumado a ir visitá-la, mas jamais pedir a Tess que vivesse com ela.

— Isso é muito amável de sua parte.

— Cag pode ser muitas coisas, mas não amável — disse ele — Embora a sua mulher gosta.

— Não sente saudades então que seu melhor amigo seja um réptil.

— Parece que te falta o ar — observou ele — Espero que a palha do estábulo não faça mal a você.

O vento soprava com muita força. Ela o olhou fixamente.

— E tem que haver uma relação entre isso e minha falta de fôlego?

Guy encolheu de ombros.

— Por que não toma seu remédio?

— Que remédio? — perguntou ela, ficando rígida.

— Não tem asma?

Candy seguiu olhando-o com olhos inquietos, embora ele não podia ver sua expressão.

— Eu não… tenho asma — respondeu ao fim de um minuto.

— Não? Podia jurar que sim. Não pode dar dez passos sem descansar. E isso em sua idade não é muito normal.

Ela apertou a mandíbula e pressionou com força a bolsa enquanto olhava pelo guichê.

— Não diz nada? — insistiu ele.

— Não há nada que dizer.

Guy teria seguido pressionando-a, mas já estavam na rua principal de Jacobsville, perto do hotel.

— Meu carro de aluguel está em… — começou ela. — Vou buscá-lo com Fraco. Ele o trará até aqui e voltará comigo. Tem as chaves?

Ela as estendeu com certo receio.

— Sou perfeitamente capaz de conduzir. Não me passa nada!

— Só é um favor — esclareceu ele — Tiveste um dia muito duro. Pensei que estaria cansada.

— OH — murmurou ela, ruborizando-se ligeiramente enquanto Guy detinha a caminhonete diante do motel. — Entendo. Bom, nesse caso obrigado.

Guy saiu do veículo e o rodeou para ajudá-la a descer da cabine. Mas ela também pareceu tomar mal esse gesto.

Ele a olhou com o cenho franzido.

— pode-se saber a que deve este ressentimento? — perguntou-lhe — Por que te custa tanto receber ajuda de qualquer tipo?

— Posso descer sozinha. — espetou ela.

Ele encolheu de ombros.

— Faço-o também por um tio meu avô. — a informou — Não é velho, mas tem artrite e agradece que lhe dêem uma mão.

Candy ficou tinta.

— Faz que pareça uma feminista radical!

O tom amável com o que se dirigiu a ela tinha sido enganoso, pois o olhar que lhe lançou foi frio como o gelo.

— A verdade é que resulta tão pouco atrativa como uma feminista — lhe disse com voz cortante — Eu gosto de uma mulher que possa impor respeito sem que tenha que comportar-se como uma arpía ou lhe falar com desprezo dos homens. Você não gosta que lhe abram a porta nem que se preocupem com sua saúde. Magnífico. Pode estar segura de que não voltarei a esquecer. — sentenciou, esticando a mandíbula. — Minha Anita valia dez vezes mais que você. — acrescentou bruscamente. — Era uma mulher enérgica e independente, mas nunca teve que demonstrar a ninguém que podia ser tão dura como um homem.

— Por que não se casou com ela se era tão maravilhosa?

— Morreu — respondeu ele. Era terrível confrontá-lo.

Respirou fundo e se afastou.

— Ela morreu. — Voltou a dizer, quase para si mesmo, enquanto se afastava para a caminhonete.

— Senhor Fenton… — chamou-o ela dubitativamente, consciente de que havia uma fibra sensível e sentindo-se um pouco envergonhada.

Ele se voltou e a olhou por cima do capô da caminhonete.

— Chamarei o hotel pela manhã e pedirei que lhe digam onde nos encontraremos para a seguinte parada da visita. De agora em adiante, poderá conduzir você mesma, senhorita Marimacho.

Subiu à caminhonete, fechou a porta e se afastou, levantando uma nuvem de pó.

Candy viu como partia, sentindo uma luta de emoções enfrentadas. Era importante valer-se por si mesma, não aceitar a compaixão nem os mimos de ninguém. Mas era consciente de que se passava e lamentava. Guy Fenton tinha saudades de seu amor perdido. Devia havê-la querido muito. Candy se perguntou como teria morrido a misteriosa Anita, e por que o senhor Fenton parecia tão atormentado quando falava dela.

Entrou lentamente no hotel, sentindo cada passo que dava. Odiava sua debilidade e a incapacidade para corrigi-la. Chegou ao mostrador e se obrigou a sorrir enquanto pedia a chave.

A recepcionista, uma moça atrativa, entregou-lhe a chave com um sorriso de indiferença e virou-se, sem mostrar o menor interesse ao que fazia a hóspede suja e ofegante diante dela.

Candy riu para si mesma. Aquilo supunha todo um contraste com a preocupação que tinha mostrado Guy Fenton. Arrependia-se de haver pago sua atenção com uma atitude tão odiosa. Mas ao longo dos anos tinha recebido muita compaixão e curiosidade, e muito pouco amor.

Quando entrou na habitação, fechou a porta e se desabou sobre a cama, sem nem sequer se incomodar em tirar os sapatos. Um minuto mais tarde, estava dormindo.

Os disparos a despertaram. Sentou-se na cama, tremendo e com o coração na garganta. Levou uma mão ao peito. Ouviram-se mais disparos. E mais…

Saiu pra fora. Não havia árvores. Nenhum lugar onde ocultar-se. Sentiu um golpe no peito e se tocou. Viu sua mão vermelha e úmida pelo sangue fresca, seguida por uma dor horrivelmente aguda. Não podia respirar…

Jogou-se no chão e cobriu a cabeça com as mãos. Via sangue. Sangue por toda parte! As pessoas gritavam. Os meninos chiavam. Um homem com um disfarce de palhaço caiu desabado enquanto soltava um alarido dilacerador. Junto a ela viu seu pai dobrando-se pela cintura e caindo com os olhos fechados, fechados para sempre… Não estava consciente de que estava chorando até que o despertador da mesinha sacudiu seus sentidos adormecidos.

Abriu os olhos. Estava estendida sobre o carpete, como uma menina assustada. Aspirou com força, desesperada por encher os pulmões de ar. Conseguiu sentar-se no chão e apalpou o despertador as cegas até encontrar o botão que desconectava o alarme. Estava empapada de suor, tremendo, morta de medo. Depois de tantos anos, os pesadelos

continuavam… Estremeceu violentamente e se tombou de costas na cama, com os olhos abertos e o peito lhe palpitando freneticamente.

O pesadelo era uma velho companheiro. Por sorte, não havia tantos maníacos soltos para se preocuparem com ela e com sua ferida tão pouco comum. Mas para um certo tipo de pessoa, que queria lhe fazer reviver aquele horror, a idéia de reviver o trauma resultava tentadora. Não podia suportar a menor referência a sua falta de fôlego, por culpa das más lembranças sobre os meios de comunicação, que tanto a tinham atormentado, a ela e aos outros sobreviventes daquela tragédia que tirara tantas vidas inocentes naquele ensolarado dia de primavera, dez anos atrás.

Enterrou o rosto nas mãos e desejou poder apertar a cabeça o bastante para espremer a lembrança para sempre. Sua mãe se refugiou em uma fria couraça de independência depois do funeral de seu marido. Obrigada a assumir o controle rancho ou abandonar tudo, converteu-se em uma mulher de negócios. Odiava o gado, mas gostava do dinheiro que ganhava com ele. Candy não era mais que um aviso de sua terrível tragédia. Tinha amado a seu marido mais que a ninguém no mundo, e de algum jeito culpava Candy por sua perda. A distância entre mãe e filha se fez intransponível, sem nenhuma esperança de aproximação. Para Candy só seu trabalho a salvava, já que lhe permitia sair de Montana, longe de uma mãe que apenas a tolerava.

Gostava de seu trabalho como publicitário no setor boiadeiro. Bem diferente de sua mãe, adorava o gado e todo o relacionado com ele. Teria gostado de viver no rancho, mas Ida não suportava vê-la nem fazia o menor intento por dissimular seu desprezo. Era melhor para as duas que Candy não voltasse para casa.

Afastou o cabelo úmido do rosto e tentou pensar na aventura do dia seguinte. Iriam ver um rancheiro chamado Cy Parks, quem, segundo a opinião geral, era o rancheiro mais anti-social de Jacobsville. Um homem sem o menor tato nem tolerância para os forasteiros e com mais dinheiro do que poderia gastar em sua vida. Candy estava acostumada a homens difíceis, de modo que aquele não seria mais que outro apontado em seu relatório. Mas o que verdadeiramente lhe angustiava era o comportamento tão pouco amistoso que tinha tido com Guy Fenton, quem unicamente se limitou a preocupar-se com ela. Talvez deveria lhe falar de seu passado e seguir a partir daí. Parecia um bom homem. Tinha cérebro e senso de humor, embora Candy se perguntava por que não usaria sua inteligência para algo mais que um fazenda de gado. Poderia trabalhar por sua conta e montar seu próprio negócio.

Apoiou a cabeça no travesseiro empapado com uma careta de dor. Só faltavam umas horas para o amanhecer. Tinha pílulas para dormir, mas jamais as tinha tomado. Odiava a mera idéia de qualquer tipo de vício. Não bebia nem fumava, e nunca tinha estado apaixonada. Era algo que exigia muita confiança.

Um olhar ao despertador lhe confirmou que tinha quatro horas por diante para contemplar o teto ou para tentar dormir. Deixou escapar um suspiro e fechou os olhos.

Guy Fenton, fiel a sua palavra, chamou o hotel e deixou uma mensagem para Candy com as direções para chegar ao rancho de Parks, lhe assegurando que ele estaria ali quando ela chegasse.

Candy temia o encontro, depois do modo como se comportou. Certamente Guy tinha pensado o pior dela no dia anterior. Oxalá pudesse reparar o dano.

Conduziu até o enorme rancho de madeira. O entorno estava em muito bom estado de conservação, as cercas pintadas de branco, os estábulos organizados e limpos, um imenso celeiro na parte atrás com um pasto cercado de cada lado, e um caminho de entrada pavimentado e flanqueado por árvores, flores e arbustos. Ou o senhor Parks tinha herdado aquela propriedade ou gostava de muito as flores.

Viu-o sair ao alpendre para recebê-la, acompanhado do Guy. Sua expressão era séria e intimidatoria. Candy soube que suas experiências prévias com homens de difícil trato não lhe serviriam de nada com aquele tigre.

— Cy Parks, Candace Marshall — apresentou Guy com voz cortante. — A senhorita Marshall está entrevistando os rancheiros da região para uma campanha publicitária sobre as novas técnicas com o gado.

— Uma grande idéia — disse Cy, mas o sorriso que lhe dedicou era frio e forçado. — Os defensores dos animais se valerão disso para seus protestos e o lobby anticarne exigirá um espaço similar para apresentar suas alegações.

Candy levantou as sobrancelhas ante aquele ataque frontal.

— Estamos tentando promover novos métodos. — replicou — Não iniciar uma guerra de comida.

— A guerra já se iniciou, ou é que não vê televisão? — perguntou-lhe Cy friamente.

Candy deixou escapar o fôlego.

— Bom… — repôs — Poderíamos nos limitar a fazer um descanso voluntário na auto-estrada e deixar que o outro bando nos enrole.

A boca do Cy se torceu em um sorriso desdenhoso, mas a expressão de seus olhos verdes seguia sendo gélida, e seu rosto enxuto parecia mais curtido que o couro. Era da mesma estatura que Guy, mas mais magro. Tinha a compleição de um cavaleiro de rodeio, com seus pés grandes e sua boca de cruel aspecto. Meteu a mão esquerda no bolso, mas com a direita fez um gesto para o pasto mais próximo.

— Se quer ver meu touro novo, está por aí. — disse. Baixou lentamente os degraus e pôs-se a andar para a zona cercada. — Já ganhou vários concursos.

Candy contemplou por cima da cerca o enorme animal de reluzente pelagem avermelhada. Era imponente, inclusive para ser um touro.

— Não tem nada que dizer? — perguntou Cy.

Ela negou com a cabeça.

— Fiquei sem palavras… É precioso. — Cy emitiu um som áspero e gutural, mas não lhe discutiu a mais que duvidosa descrição.

— Pensava que talvez queria nos falar de seus métodos para o controle de pragas… um pouco ortodoxos — disse Guy.

Cy franziu o cenho sob seu chapéu de aba larga.

— Eu não gosto dos pesticidas. — declarou — Poluem a água subterrânea. Eu uso insetos.

— Insetos? — repetiu Candy. Tinha ouvido falar desse método, e começou a citar um artigo que tinha lido recentemente sobre o emprego de insetos para controlar as pragas nos cultivos.

— Foi precisamente esse artigo o que me deu a idéia. — replicou Cy, impressionado. — Pensei que valia a pena tentar, e que nada poderia ser pior que os venenos que

estávamos usando. Fiquei muito gratamente surpreso pelos resultados. Agora também uso adubos orgânicos — assentiu para as vacas que pastavam ao longe, a uma distância segura do touro. — É uma lástima desperdiçar todos esses subprodutos de minha manada puro-sangue. — Acrescentou. — Sobretudo se levarmos em conta o que gasta as pessoas da cidade em comprá-los.

Candy se pôs-se a rir. Sua risada era ligeira e cálida e Guy se surpreendeu olhando-a. Estava rindo com o homem mais antipático de toda a região… Cy, não sorriu, mas seus olhos verdes se iluminaram…

— Deveria sorrir mais — disse a Candy.

Ela se encolheu de ombros.

— Todos deveríamos fazê-lo.

Ele inclinou a cabeça para ela.

— Faz algumas semanas vi sua mãe em uma convenção. Tornou-se de gelo, verdade?

O rosto de Candy se decompôs em uma careta de perplexidade.

— Bom, sim, suponho…

— Não sente saudades — seguiu ele, olhando-a fixamente nos olhos — Mas você não deve culpar-se.

— Todo mundo diz isso. — Replicou ela, muito consciente da atenção de Guy.

— Deveria escutar o que dizem essas pessoas. — A repreendeu Cy.

Ela assentiu.

— E voltando a falar deste touro… — começou, trocando rapidamente de tema.

Cy passou vários minutos falando sem parar de seu tema favorito, o qual não deixava de ser estranho em um homem taciturno como ele. Caprichou nos detalhes do emparelhamento e da cria, até que Candy teve toda a informação que necessitava, e então procedeu a lhe ensinar sobre o resto do recinto.

Candy esteve pronta para partir pouco antes que Guy. Estendeu a mão para Cy, assentiu com cautela para Guy, subiu a seu carro de aluguel e conduziu de volta seu hotel.

Guy não tinha tanta pressa. Permaneceu uns momentos junto a sua caminhonete e virou-se para Cy.

— O que lhe passou?

— Pergunte a ela. — disse Cy com sua antipatia habitual.

— Tiraria mais se perguntasse ao carro que está conduzindo.

Cy encolheu de ombros.

— Não acredito que seja nenhum segredo. Faz nove anos ou mais, seu pai a levou para almoçar em um estabelecimento de comida rápida. Já sabe, papai e sua pequena compartilhando uma comida e conversando. Naquele dia o encarregado tinha despedido um empregado por beber no trabalho. O tipo também se drogava, mas o encarregado não sabia nada disso. E ali estava todo mundo, falando e esperando os pedidos, incluídos Candy e seu pai, quando este tipo entrou no local com um rifle de assalto AK-47 e começou a disparar.

Guy afogou um gemido.

— Feriu Candy?

Cy assentiu seriamente.

— No peito. Destroçou-lhe um dos pulmões e esteve a ponto de matá-la. Tiveram que lhe extirpar parte do pulmão. Seu pai não teve tanta sorte. Recebeu uma descarga no rosto e morreu imediatamente. Dizem que sua mãe nunca deixou de culpá-la pelo acontecido. Foi idéia de Candy ir comer ali.

— E sua mãe assumiu que se Candy não tivesse pedido para ir ali, seu pai ainda seguiria vivo.

— Exato — afirmou Cy, olhando a nuvem de pó que o carro de Candy levantava a distância. — Dizem que Candy se mostra muito suscetível a este tema. Os meios de comunicação começaram a incomodar sua mãe e ela justo depois do tiroteio. Inclusive hoje em dia há jornalistas de volta querendo reviver a história. Sua mãe processou um deles por entrar sem permissão no rancho e ganhou o julgamento. — sacudiu a cabeça — Ouvi que Candy e sua mãe apenas se falam. Pelo visto, Candy decidiu que se sua mãe não quer tê-la perto, ela respeitará seus desejos.

— Como é sua mãe?

Cy fez uma careta com os lábios.

— É o tipo de mulher com que não poderia imaginar casando-se com alguém. Quase todos os homens a evitam. Não tem freio na língua, e sua mente é afiada como uma faca. Não se parece em nada com Candy. — acrescentou pensativamente. — Candy pode ser muito direta, mas por dentro é de manteiga.

Guy franziu o cenho.

— Como sabe?

— Reconheço uma sofredora quando a vejo. — — disse Cy, e tirou sua mão esquerda do bolso.

Guy franziu ainda mais o sobrecenho ao vê-la. A mão não estava mutilada, mas tinha sofrido graves queimaduras. A pele estava manchada e tensa.

— Alguma vez alguém te disse que meu rancho no Wyoming ardeu até os alicerces? — perguntou-lhe ao homem — Com minha mulher e meu filho dentro?

Guy empalideceu. Cy voltou a colocar a mão no bolso e olhou para Guy com olhos inexpressivos.

— Foi preciso três vizinhos para me tirar da casa. Sentaram-se sobre mim até que chegaram os bombeiros, mas já era muito tarde. Naquele dia eu estava ordenando os papéis em meu escritório quando se desatou uma tormenta. O fogo começou no outro extremo da casa, onde eles dormiam. Mais tarde disseram que um raio tinha causado tudo. — Perdeu a vista no vazio. — Meu filho tinha cinco anos… — deteve-se e se deu a volta, respirando profundamente até que a voz deixou de

lhe tremer. — Abandonei Wyoming. Não podia suportar as lembranças. Pensei em começar de novo aqui. O dinheiro não era nenhum problema. Sempre tinha tido de sobra. Mas o tempo não cura as feridas. Maldita seja…!

Guy podia perceber e compreender a dor de Cy.

— Uma tarde estava voando com minha noiva sobre o condado. — Guy confessou a ele. — Me ocorreu que poderia impressioná-la, mas… o avião de pequeno porte se estrelou nas árvores e ficou suspenso dos ramos com a porta do co-piloto para o chão. Ao recuperar o sentido vi Anita pendurando do assento, a quinze metros do chão… — sua expressão se nublou — Gritava e me suplicava que não a deixasse cair. Alarguei um braço para ela e ela

se soltou de uma mão para tentar me agarrar… e então caiu. — fechou os olhos. — Ainda continuo despertando pelas noites, vendo seu rosto desfigurado pelo terror, e ouço sua voz me chamando…

— voltou a abrir os olhos e respirou profundamente. — Sei o que é viver marcado pela dor. Vivo assim durante três anos. E não consigo superá-lo.

— Sinto-o — disse Cy com uma careta de dor.

— E eu sinto por ti. Mas isso não ajuda, não é verdade? — perguntou-lhe com uma gélida gargalhada. Tirou-se o chapéu e passou a mão pelo cabelo. — Vou em busca dessa publicitária e seguiremos com as visitas.

— Claro.

Guy levantou uma mão e subiu a caminhonete. Não havia nada mais a dizer. Mas a compaixão aliviava um pouco as coisas. Só um pouco…

Capítulo 3

Guy seguiu Candy de volta ao hotel, e encontrou seu carro estacionado em frente a uma das habitações, no extremo do complexo. Estacionou sua caminhonete ao lado e bateu na porta. Ela abriu a porta, pálida e cansada. Parecia respirar com dificuldade.

— Podemos ir ao rancho do Matt Caldwell amanhã. — Disse ele imediatamente. — Se não se importa. — Acrescentou com cautela, tentando não mostrar muita preocupação por sua saúde. — Tenho que resolver alguns problemas na fazenda esta tarde, mas se está decidida a continuar a visita…

— Não, a visita pode… esperar — disse ela, olhando-o nos olhos. — Falaram de mim, não é verdade? — perguntou-lhe sem mais preâmbulo.

Não havia motivo para evasivas.

— Sim — respondeu, com o rosto totalmente inexpressivo, e continuou falando como se lhe emprestasse muita atenção ao tema. — Te chamarei pela manhã. Um cliente deverá ver o gado e gostará que lhe explique os detalhes do programa alimentício. É igual ao de J. D. Langley… Não gosta de fazendas, mas trabalha para uma empresa que comercializa com eles. Esperamos que venha logo, mas se atrasar, temo que terá que ir sozinha ao rancho de Matt. Mandarei-te um mapa por fax a recepção do hotel, para que possa recolhê-lo antes de sair. O rancho está a meia hora de carro do povoado, e a estrada não tem nem sinais.

Candy se surpreendeu de que não mencionasse seu passado e relaxou um pouco.

— Muito bem.

Ele viu como se esforçava por respirar e começava a tossir violentamente.

— Alguma vez fez o teste de asma? — insistiu.

Ela levou um lenço a boca enquanto lutava contra a debilidade que lhe impedia de falar.

— Não.

— Deveria fazer. Declarou ele rotundamente, entreabrindo o olhar. — Todo mundo diz que a asma te faz ofegar, mas não é sempre assim. O ano passado estive saindo com uma garota que tinha um grave problema de asma e não ofegava. Só tossia tão forte que

parecia que os pulmões iriam sair pela boca.

Candy se apoiou pesadamente contra a porta.

— Por que não continuou com ela? — perguntou-lhe.

— Não tínhamos muito em comum, mas mesmo assim me senti envergonhado. Normalmente não sou tão desconsiderado.

— E essa garota encontrou outra pessoa?

Guy se pôs a rir.

— Casou-se com seu chefe, um de nossos médicos. Acredito que estava apaixonado por ela desde o começo. Deu-me uma bronca por deixar que voltasse para casa sozinha após o cinema.

Candy lhe sustentou o olhar tranqüilamente.

— Por que te embebeda todos os fins de semana?

Guy não dissimulou sua perplexidade.

— Quem lhe disse isso? — perguntou-lhe com impaciência.

— O senhor Gately, enquanto estava olhando os cavalos. — Respondeu ela. — Me disse que ficasse longe de você nos fins de semana, e eu lhe perguntei por quê.

Guy meteu as mãos nos bolsos. De repente parecia mais frio e inacessível que nunca.

— Minha noiva morreu em um acidente de avião. Eu pilotava o avião de pequeno porte. Tentei fazer uma manobra para alardear e só consegui estelar o aparelho nas árvores. O impacto não nos matou, mas o avião de pequeno porte ficou pendurado entre os ramos a quinze metros do chão. O cinto de segurança de minha noiva se soltou e ela caiu no vazio antes de que eu pudesse agarrá-la. — Seu semblante escureceu pela lembrança. — Bebo para não ter que ver seu rosto enquanto caía nem ouvi-la gritar me suplicando ajuda.

Candy enrugou o lenço na mão.

— Sinto muito — disse amavelmente. — De verdade.

— Não lhe teria contado isso se não tivesse sabido o que aconteceu com ti. — replicou ele. — Há gente que gosta de ouvir falar de mortes violentas. Talvez isso os faça sentir-se vivos. Em meu caso, só faz que queira beber e me embebedar.

— Entendo-o. Mas ela não teria querido que se lamentasse dessa maneira, verdade?

Ele duvidou por um momento.

— Não. Suponho que não.

— Nem que fosse um solitário para o resto de sua vida — seguiu ela, sorrindo. — Meu pai era assim… Sempre estava ajudando os outros, nos trazendo presentes e cuidando de nós. Era muito mais carinhoso que minha mãe, que agora me odeia, como é natural. Eu o matei — acrescentou duramente. — Fui eu que sugeriu que fôssemos comer naquele lugar em particular.

— Poderia ter acontecido em qualquer lugar. — disse ele.

Ela se encolheu de ombros.

— Sim, mas aconteceu ali. Agora tento estar em casa o menor tempo possível. Suponho que me cansei em pagar por meus pecados — soltou uma gargalhada. — Você e eu seguimos fugindo, e eles seguem mortos.

A voz lhe quebrou ao pronunciar a última palavra. Guy não entendia por que lhe afetava tanto, mas não podia permanecer ali parado, vendo-a chorar.

Entrou em seu quarto, e depois de fechar a porta, a estreitou entre seus braços e a apertou fortemente contra seu corpo enquanto com uma mão lhe acariciava o cabelo. Aquele dia o tinha deixado solto e lhe caía até os ombros como uma cortina de seda escura. Cheirava a floresça.

— Não necessito que… — começou a protestar ela.

— Sim, sim o necessita. — Ele a interrompeu,lhe afastando o cabelo do rosto. — E eu também. É humano querer receber consolo.

— De verdade? — perguntou ela tristemente.

— É obvio. Ambos necessitamos de consolo. Voltou a abraçá-la e os dois permaneceram imóveis, obstinados o um ao outro. Guy se sentia mais tranqüilo do que tinha estado em anos. Gostava de tê-la entre seus braços, tão cálida, suave e vulnerável. Ao fim de um minuto ela soltou um suspiro e se apertou ainda mais contra ele.

— Sua mãe alguma vez te abraçou? — perguntou-lhe Guy.

— Não. Não era uma pessoa que desse amostras de afeto, exceto com meu pai. E agora é ainda menos carinhosa que antes.

— Tampouco eu o sou — admitiu ele. — Leva uma pequena couraça, senhorita Marshall — lhe murmuro contra a têmpora.

— Não quero receber a compaixão de ninguém.

— Eu tampouco. — disse ele. — Mas não vejo mal um pouco de consolo.

Ela sorriu contra sua camisa.

— Nem a mim.

— Não poderíamos abandonar a luta e declarar uma trégua?

Candy deu um tombo o coração.

— Isso é de covarde?

— Não entre dois veteranos de guerra como nós.

— Suponho que poderia tentar não estar sempre à defensiva se você tentasse não beber.

Guy ficou rígido. Por cima da cabeça de Candy olhou o grande carvalho que havia junto ao hotel e se perguntou distraidamente se seria muito velho.

— Faz muito tempo que não tento deixar a bebida. — confessou — Embora só seja durante os fins de semana. Mas deveria tomar uma alternativa.

Os dedos do Candy brincavam com um dos botões de sua camisa.

— Suponho que você não gostará de pescar… Ele levantou a cabeça e a olhou.

— Fala sério?

— Você gosta ou não?

— Ano passado ganhei o troféu como o melhor.

Candy o olhou com olhos muito abertos e tornou a sorrir.

— Isso é porque não competia comigo!

Uma alma gêmea, pensou Guy, e esteve a ponto de dizê-lo em voz alta.

— Trouxe tudo contigo?

Ela fez uma careta.

— Vim de avião. Não podia trazer tudo o que queria.

— Eu te emprestarei o material. Tenho de tudo: canos, anzóis, cortiças… na sábado passaremos o dia no lago.

— Eu adoraria! — exclamou ela, com um sorriso radiante que Guy se perguntou como tinha podido lhe parecer uma mulher fria.

— Tentarei que alguém me substitua e assim poderei ir contigo ao rancho de Matt pela manhã. Às nove parece bem? Encarregarei-me de consertar a entrevista com Matt.

— Estupendo. Esse Matt se parece com Cy Parks? — perguntou-lhe ela com curiosidade.

Guy negou com a cabeça.

— Matt é uma pessoa muito tranqüila, a menos que fique furioso e terá que afastar-se de seu caminho. E, pelo geral, gosta das mulheres. — acrescentou.

— Alguma exceção à regra?

— Só uma. — disse ele com um sorriso. — Te verei amanhã. Tome um café reforçado. — sugeriu. — Dizem que ajuda para os ataques de asma… se for isso o que padece. Se não ficar melhor, chame o doutor Coltrain ou o doutor Morris. São geniais.

— De acordo. Obrigado.

Ele soltou um suspiro.

— Não é uma amostra de debilidade pedir ajuda quando se está doente. — observou. — Me ocorreu que devia te fazer essa sugestão.

— Em casa não me permitiam adoecer. — disse ela. — E algumas lições são difíceis de esquecer.

Ele observou seu rosto macilento.

— Não imagino como deve ter sido sua infância — lhe disse tristemente.

— Foi maravilhosa, até que meu pai morreu…

— Sente saudades… — murmurou ele.

Candy voltou a tossir e levou de novo o lenço à boca.

Guy franziu o cenho.

— O pó do rancho te afetou seriamente, não é verdade? Tem que evitar os lugares fechados onde se concentre pó. Se for verdade que tem asma, poderia ser perigoso.

— Só tenho um pulmão perfeito. — disse ela com voz rouca. — Suponho que sou muito sensível ao pó.

Mas Guy seguia sem estar convencido.

— Ligarei pra você esta noite, só para me assegurar de que está bem. Se não melhorar, chame o médico ou vá ao hospital.

— Farei isso. Não tem com que se preocupar.

— Engana-se. — Replicou ele com voz cortante. — Se pela manhã não estiver melhor, adiaremos a visita ao rancho de Matt. Seu rancho está a vinte e cinco minutos do povoado. Se sofresse um ataque com gravidade estando ali, não poderia te trazer a tempo na caminhonete.

— O senhor Caldwell tem um avião de pequeno porte. — assinalou.

— Tem dois… um Learjet e uma pequena Cessna. Mas Matt vive no povoado e só estará no rancho o tempo suficiente para nos apresentar a seu capataz. Tem que voar até o FortWorth para uma conferência.

— Estarei melhor pela manhã. — insistiu ela.

— Sei disso. — acrescentou, mas sua imagem ficou opaca por outro ataque de tosse.

— Tome um pouco de café, embora só seja para me agradar, quer?

Candy suspirou.

— De acordo.

— Boa garota. — disse ele. Inclinou-se bruscamente para ela e a beijou nos lábios.

Ela afastou-se a tempo enquanto afogava um gemido. Guy a olhou com curiosidade nos olhos.

— Não tem medo de mim, não é verdade? — perguntou-lhe amavelmente.

— Não… não acredito.

Sua atitude estava sendo surpreendente. Parecia muito segura de si mesma… até que a distância entre ambos se fazia intimamente curta. Não devia saber muito sobre os homens.

— Ninguém te beijou alguma vez? — perguntou-lhe.

— Não muito.

— Que lástima — disse ele, olhando sua boca. — Tem uma boca ideal para ser beijada… cálida, suave e muito doce.

Ela levou a mão aos lábios em um gesto inconsciente.

— Eu não gosto de esportes. — murmurou.

— O que tem que ver isso com os beijos?

— Quase todos os homens que conheci estão casados, mas os que não são querem me levar a ver jogos de futebol ou outros, e eu gosto de pescar.

— Eu gosto dos esportes. — admitiu ele. — Mas eu gosto mais de rodeios e da pesca.

— Também gosto dos rodeios.

— Vê? Já temos algo mais em comum. — Disse ele com um sorriso, e se inclinou para beijá-la de novo, sentindo a mesma descarga elétrica de antes. — Poderia ficar viciado nisto.

Ela pôs as mãos no peito.

— Não posso… não posso respirar bem. — sussurrou. — Sinto.

— Por isso não pode se relacionar bem com os homens? Não pode respirar e quando o diz os homens acreditam que os está mandando passear?

— Como sabe? — perguntou ela, surpreendida.

— É a resposta evidente para sua falta de pretendentes. — disse ele. — Está claro que não se deve a uma questão de aspecto. Por que não disse a nenhum que tem problemas com seu pulmão?

Candy fez uma careta de desagrado.

— Não teria importado muito. Queriam algo mais que uns quantos beijos.

— Mas você não.

Ela negou com a cabeça.

— Por dentro estou morta… desde que meu pai morreu. O psicólogo disse que era o sentimento de culpa porque ele morreu e eu não. Talvez siga sendo assim. — levantou o olhar para ele. — Mas, independentemente da culpa, não sinto isso com quase ninguém. Nunca… nunca o tinha sentido. — Ruborizou-se intensamente e Guy soube a razão.

— São como pequenas descargas elétricas, não é verdade? — disse com um sorriso. — De repente se sente como se medisse três metros.

Ela esboçou um tímido sorriso.

— Mais ou menos.

— E não se atreve a provar um raio?

Candy pôs-se a rir.

— Hoje não.

—De acordo —Aceitou ele, lhe afastando uma mecha de cabelo. — Então te verei pela manhã.

— Esperarei impaciente.

Ele ficou sério.

— E eu também. — murmurou com um estranho ardor nos olhos. Teve que esforçar-se para afastar bruscamente o olhar dela e afastar-se. Gostava das mulheres e de vez em quando se sentia atraído por elas. Mas aquela sensação era completamente nova. Desejava aquela mulher como nunca tinha desejado outra.

Duvidou um momento ao chegar em sua caminhonete.

— Falei sério sobre o médico. — Ele recordou. — Se essa tosse persiste, chame alguém.

— De acordo. — Aceitou ela com um sorriso. Despediu-se com a mão e fechou a porta.

Guy partiu na caminhonete, mas não sem uma certa apreensão. Não gostava daquela tosse. Candy era muito frágil, mas não era consciente disso ou simplesmente não queria ser. Necessitava de alguém que cuidasse dela.

Aquele pensamento o fez sorrir. Era uma idéia antiquada. As mulheres não gostava que cuidassem delas. Queriam ser fortes e independentes.

Guy se perguntava se não tinham o secreto desejo de que alguém as atendesse. Não que as controlassem, dominassem nem reprimissem. Simplesmente que as… atendessem. Imaginou Candy como uma orquídea que necessitava de atenção adequada para crescer. As orquídeas necessitavam de muita umidade e noites frescas. Sorriu ao pensar em Candy em um suporte de vasos sendo regada. Mas era precisamente isso o que queria: cuidar dela e não permitir que voltasse a sofrer. Franziu o cenho, porque os pensamentos que estava tendo eram contra sua natureza. Ele era um solitário. Nunca tinha pensado em cuidar de uma mulher. Mas não podia pensar em Candy de outra maneira. Era muito cedo para pensar em algo permanente, assegurou-se a si mesmo. Mas tampouco faria dano se continuasse pensando nela. Tinha o pressentimento de que Candy ia ter um papel muito importante em sua felicidade.

No hotel, Candy tinha conseguido deixar de tossir graças a uma cafeteira bem cheia. Não tinha esperado resultados positivos, Apesar da insistência de Guy, mas pelo visto ele tinha razão ao recomendar o café para a asma. Franziu o cenho.

Se tivesse asma sua vida seria muito mais complicada do que já era. Trabalhar nos ranchos cheios de pó ia supor um grande desafio, embora houvesse tratamento eficaz.

Tomou o café e pensou na preocupação que estava mostrando Guy. Ela era uma mulher moderna. Mas era muito agradável que alguém cuidasse dela para variar. Sua mãe nunca tinha feito, e ninguém se preocupou com o que lhe tinha acontecido desde que seu pai morrera. Não podia evitar que a atenção do Guy a comovesse…

Mais tarde, quando estava a ponto de deitar-se soou o telefone. Era Guy, que só chamava para comprovar como estava. Ela assegurou que se encontrava bem e ele lhe disse que tinha encontrado alguém que o substituiria com o cliente e que a veria pela

manhã.

Quando Guy desligou, Candy permaneceu por um momento com o telefone na mão. Não, não era ruim que alguém se preocupasse com ela. Não era mal, absolutamente.

O dia seguinte amanheceu esplêndido e ensolarado. Candy usava um traje com calça bege e botas, e deixou o cabelo solto. Sentia-se mais jovem e contente do que tinha estado em anos. Graças a Guy podia ver a vida de uma perspectiva completamente nova.

No rancho Caldwell repassou seus poucos dados.

O rancho era só um dos muitos negócios que Matt possuía. Era um empresário no verdadeiro sentido da palavra. Se tivesse nascido cem anos antes, teria sido um homem como Richard King, o fundador do famoso rancho King no sul do Texas. Matt era um homem tranqüilo e afável, mas Candy tinha ouvido que com seus inimigos era desumano. Corriam muitos rumores sobre aquele homem tão poderoso, e um dos quais falava em como tinha se envolvido com uma amiga de seu primo e como tinha provocado que a despedissem de seu trabalho. Um incidente muito estranho em um homem que se caracterizava pelo jogo limpo, e tendo em conta que a mulher era jovem e que não se parecia em nada ao tipo de companhia feminina que freqüentava o atrativo magnata.

Os olhos de Matt se decantavam pelas modelos estrelas de Hollywood. Em sua vida privada não havia lugar para as mulheres com carreira, embora tinha colocado algumas em postos executivos de várias empresas dele. Talvez fosse a razão do conflito com aquela jovem. Falava-se que a garota era muito inteligente e ardilosa nos negócios.

Algumas batidas na porta do quarto a sobressaltaram. Foi abrir e se encontrou com um sorridente Guy na soleira.

— Pronta para sair?

— Certamente! — exclamou ela.

O dia prometia ser maravilhoso.

O rancho de Matt era bastante afastado da cidade. Guy tomou uma estrada em que não havia nenhum sinal e sorriu a Candy.

— Temo-me que nem o melhor dos mapas não serviria muito. Matt diz que gosta de estar em lugares onde seja difícil encontrá-lo, mas para quem tem que visitá-lo a negócios é um inferno chegar até o rancho.

— Talvez não goste das pessoas. — comentou ela.

— Gosta, mas não quando está de mau humor. É nessas ocasiões que se refugia em seu rancho. Trabalha muito junto a seus empregados, e às vezes os mais novos nem sequer sabem que ele é o chefe, até que não o vêem com traje e gravata subindo ao Learjet.

— Qual é sua fortuna? — perguntou ela.

Guy pôs-se a rir.

— Ninguém sabe. Possui este rancho e outros bens imóveis, dois aviões, vários terrenos na Austrália e México, está na junta diretiva de quatro grandes empresas e no conselho de administração de duas universidades. Em seu tempo livre se dedica a comprar e vender ganho. — sacudiu a cabeça. — Nunca conheci um homem com tanta energia.

— Talvez tenta manter-se ocupado para não pensar em algo… — murmurou ela pensativamente.

— Ninguém nunca tem coragem para perguntar-lhe. Matt é muito simpático, mas não é o tipo de homem que convide a fazer perguntas sobre sua vida privada.

Candy deu uma sacudida quando a caminhonete pisou em um buraco e recordou algo.

— Disse que estava pilotando o avião de pequeno porte. Era teu? — perguntou-lhe com cautela.

Guy soltou uma lenta exalação. Não queria falar disso, mas ela tinha direito a saber.

— Sim. — respondeu, olhando-a — Tenho uma empresa de transporte aéreo.

Candy o olhou com olhos muito abertos.

— E então por que trabalha no fazenda?

— Não sabem que tenho essa empresa. — disse ele. — Queria um lugar onde… não sei, onde me esconder, talvez. — encolheu os ombros. — Não podia suportar as lembranças ali, e não queria ter tempo livre para pensar, de modo que procurei no trabalho uma forma mais absorvente que pudesse encontrar. Estou aqui há três anos e eu gosto. A pessoa que deixei a cargo da empresa o está fazendo muito bem. Tanto, que estou pensando em fazê-lo sócio.

— É um negócio rentável?

— Não estou no clube de Matt Caldwell, mas suponho que me aproximo bastante. — disse com um sorriso. — Poderia aspirar a coisas mais altas, mas não quero. Foi isso o que custou a Anita. — Seu rosto endureceu enquanto olhava à frente. — No dia anterior tinha estado o dia inteiro conduzindo, e de noite não tinha dormido porque alguém me tinha convidado a uma festa. Anita queria voar um momento, assim que subi no avião de pequeno porte. Se tivesse descansado de noite, teria examinado o motor e teria detectado a avaria antes de provocar a tragédia. Foi então quando me dava conta de que estava esbanjando minha vida. Vim aqui para decidir o que queria fazer. — sacudiu a cabeça. — Fazem três anos e ainda não decidi.

— O que quer fazer? — perguntou-lhe ela.

A expressão de Guy se tornou distante.

— Quero criar raízes e formar uma família. — disse, e se pôs-se a rir ao ver a cara que tinha feito Candy. — Vejo que não te esperava uma resposta assim.

— Não parece o tipo de homem que queira criar raízes. — disse ela, retorcendo a bolsa em seu colo.

— Não era até recentemente. Não sou tão velho, mas estou começando a olhar mais o futuro a longo prazo. Não quero envelhecer e morrer sozinho.

— Quase ninguém quer isso.

Ele sorriu.

— Incluindo você?

Candy duvidou um momento.

— Nunca pensei seriamente em me casar e ter uma família.

— Porque teme por seus problemas de saúde? Isso não deveria te preocupar.

— Pode ser que preocupe a um possível marido. — Assinalou ela. — Os homens querem uma mulher íntegra.

— Você é uma mulher íntegra. — Replicou ele com firmeza. — Com um ou dois pulmões.

Ela esboçou um sorriso de agradecimento.

— Obrigado. Mas o matrimônio seria um passo muito grande para mim.

— Não acredito. Não se duas pessoas têm muito comum e são bons amigos. Vi alguns matrimônios felizes desde que me mudei para Jacobsville. O matrimônio é o que você quer que ele seja.

— Isso dizem.

A estrada acabou em um comprido caminho de cascalho, com uma grande placa negra na bifurcação onde se lia: Rancho Caldwell Dobro C.

— Já chegamos. — disse Guy, girando no caminho de entrada. — Matt tem o melhor gado Santa Gertrudis do estado. É uma raça puro-sangue, o que significa que não é ganho para o matadouro. Vende principalmente semêns e vitelas, e o negócio não poderia ir melhor.

— Eu gosto do gado Santa Gertrudis. — comentou Candy.

— Também gostava dos que meu pai criava. — disse ele. — Trabalhava no rancho King Yo, cresci rodeado de gado e sempre gostei. Mas eu gosto ainda mais de aviões. Agora estou entre os dois. É algo que devo a meus pais.

— Ainda vivem?

Guy pôs-se a rir.

— E como! Seguem trabalhando em um rancho, e ela montou uma agência imobiliária! Vou visitá-los por poucos meses. Como já te disse, tenho um irmão em Califórnia e uma irmã no Estado de Washington. Seu marido é advogado e têm um filho de quatro anos.

— Família…

— Você gostaria deles. — Assegurou ele. — São gente simples e adoram ter companhia.

— Minha mãe não suporta as visitas sem convite. — Recordou — Não gosta de pessoas, fora aquelas que vão comprar gado. É uma mercenária.

— Você não.

Candy soltou uma gargalhada.

— Obrigada por haver percebido. Não, nunca serei uma mulher de negócios. Se tivesse muito dinheiro, certamente doaria tudo. Minha debilidade são as causas perdidas.

— A minha também. Bom, já estamos aqui.

Assinalou-lhe uma casa branca de dois andares com um amplo alpendre, sob o qual via um balanço. As cercas que delimitavam os pastos também eram brancas, e atrás delas pastavam o gado avermelhado na verde extensão de erva.

— Pasto melhorado — murmurou ela, tomando notas. — Percebe-se pela erva exuberante.

— Matt é muito perfeccionista. Aí está. — Disse, olhando para os degraus da entrada, onde um homem alto e atrativo, vestido com um traje e um chapéu branco Stetson, saía para recebê-los.

Capítulo 4

Matt Caldwell era um homem arrumado e de aparência agradável, tinha uma personalidade vivaz que combinava com seu aspecto magro e esbelto. Ajudou Candy a

descer da caminhonete com maneiras delicadas que imediatamente a cativaram.

— Me alegro de tê-la aqui antes de partir. — disse Matt, e saudou Guy quando este rodeou a caminhonete. — Farei com que Paddy lhes mostre o rancho. Oxalá pudesse fazê-lo eu, mas chegaria tarde a uma importante reunião em Houston. — Olhou a hora em seu relógio. — Não tenho nem um minuto livre. Acredito que deveria diminuir o ritmo.

— Não te faria nenhum dano. — Disse Guy, rindo. — Candy Marshall, apresento-lhe Matt Caldwell.

— Encantada de conhecê-lo. — Disse Candy com um sorriso, enquanto estendia a mão.

Mat a estreitou efusivamente.

— Os publicitários estão cada dia mais arrumados comentou. — O último que tivemos aqui tinha vinte e cinco anos, ia barbear-se sempre e não sabia distinguir um touro Santa Gertrudis de um Holstein.

— Fiz a barba esta manhã. — Brincou ela.

— Alegra-me saber que cuida de sua higiene pessoal. — Repôs ele, rindo. — Paddy lhes mostrará tudo o que queira ver. Se precisa falar comigo, estarei de volta amanhã pela manhã. E se isso for demorado demais, pode me enviar as perguntas por fax. Respondê-las-ei em seguida. — Estendeu um cartão com o logotipo de Mather Caldwell Enterpripes em relevo.

— Impressionante. — Disse ela.

— Nem tanto. — Respondeu ele, rindo, e olhou Guy com um brilho calculador nos olhos. — Se quiser lhe oferecer uma vista aérea do rancho, a Cessna está pronto para voar.

O rosto de Guy se endureceu ao pensar no pequeno avião de pequeno porte. Era o tipo de aparelho com o que se estrelou três anos antes.

— Eu já não vôo mais.

— É uma lástima. — Murmurou Matt.

— Em qualquer caso, ela quer ver o gado de perto.

— Comprei um touro Santa Gertrudis do rancho King. — Disse Matt, e estreitou a mão ambos. — Tenho que ir. Paddy virá em seguida. Estava comigo quando chegaram, mas teve que entra para atendendo uma chamada. Podem esperá-lo sentados no alpendre.

— É um alpendre muito bonito. — Comentou Candy.

Matt sorriu.

— Comprei a casa pelo alpendre. Eu gosto de me sentar aqui fora nas cálidas noites de verão e escutar o vento “Rachmanino”.

Subiu em sua Mercedes e conduziu para o pequeno hangar até a pista de aterrissagem que apenas se distinguiam ao longe.

— Faz isto muito freqüentemente? Te oferecer seu avião? — perguntou Candy quando estavam comodamente sentados no balanço do alpendre.

— Cada vez que nos vemos. — Respondeu ele com resignação. — Suponho que já me acostumei…, o que não quer dizer que eu goste. — Acrescentou.

Candy não sabia como responder a isso, e agradeceu que Paddy Kiograw escolhesse aquele momento para chegar. Era um homem pequeno e encolhido de olhos azuis e brilhantes. Tirou o chapéu, revelando uma grande calva rodeada por uma franja de cabelo avermelhado e lhes estreitou calorosamente as mãos. Conduziu-os ao celeiro e Candy

começou a tomar notas.

O rancho de Matt era enorme, mas tinha um toque pessoal. Conhecia todos seus animais pelo nome, e ao menos dois dos touros eram mansos. Candy adorou como lhe roçaram a mão com o focinho quando se aproximava deles. Para sua mãe, o gado não era mais que carne para o matadouro, mas Candy preferia um rancho que mantivera vivos os animais e onde seu proprietário os cuidasse propriamente. Inclusive o arisco Cy Parks se preocupava com o bem-estar de seu gado e nunca o tratava como se fora um investimento.

Mas o celeiro, apesar de estar limpo e ventilado, estava cheio de palha e era um lugar fechado.

Logo que tinham entrado Candy começou a tossir. Dobrou-se pela cintura e não pôde parar. Guy pediu a Paddy que lhe trouxesse uma taça de café. O homem saiu correndo para procurá-la, e enquanto isso Guy levantou Candy nos braços e a tirou do celeiro. Mas Candy seguiu tossindo lá fora, sentada no degrau da caminhonete. As lágrimas lhe escorregam pelas bochechas, que estavam vermelhas como grão. Paddy apareceu com a taça de café.

— Está frio. Servirá? — perguntou rapidamente.

— Sim. O que precisamos é a cafeína. — Disse Guy. Levou a taça aos lábios de Candy, mas ela seguia tossindo e não podia beber entre as convulsões.

O rosto do Guy se cobriu de pânico. — Acredito que é um ataque de asma. — disse bruscamente, olhando para Paddy.

— Tem um inalador? — Perguntou Paddy. Guy negou com a cabeça.

— Nenhum médico lhe diagnosticou ainda a asma. Maldita seja!

Ela voltou a dobrar-se pela cintura, e essa vez começou a ofegar ao tossir. Parecia piorar a cada segundo, como se lhe custasse aspirar uma simples baforada de ar.

— São vinte e cinco minutos até Jacobsville! — Exclamou Guy. — Não poderemos chegar a tempo!

— Vão na Cessna. — disse Paddy. — Tenho as chaves no bolso. O chefe disse que talvez você gostaria de lhe mostrar o rancho do ar.

A expressão de Guy se escureceu.

— Não posso, Paddy!. — Espetou, atormentado pelas lembranças de seu último vôo.

Paddy lhe pôs uma mão firme no ombro.

— Sua vida depende disso. — Recordou seriamente. — Sim pode! Aqui tem as chaves. Vamos!

Guy olhou outra vez para Candy e gemeu. Tomou as chaves de Paddy, subiu Candy na caminhonete e saiu disparado para a pista de aterrissagem, com Paddy encarapitado atrás da caminhonete.

Deteve a caminhonete no hangar e deixou Candy na cabine enquanto Paddy e ele tiravam a Cessna para a pista. Então Guy levou Candy ao avião e a sentou no assento do co-piloto, lhe fechando firmemente o cinto. Candy logo que estava consciente, emitia estertores arrepiantes enquanto lutava desesperadamente para respirar.

— Você conseguirá! — disse Paddy com convicção. — Chamarei por telefone e farei com que uma ambulância esteja esperando em Jacobsville com tudo que for necessário. E agora parta!

— Obrigado, Paddy. — Gritou Guy enquanto subia ao avião.

Fazia muito tempo que não voava, mas era como montar em uma bicicleta. Nunca se esquecia. Arrancou o motor e comprovou com uma rápida olhada os indicadores e controles. Guiou o pequeno avião para a pista e rezou uma oração silenciosa.

— Tudo vai sair bem, carinho. — Disse a Candy com voz áspera. — Tente agüentar. Em seguida chegaremos ao hospital!

Ela não podia responder. Sentia-se como se estivesse afogando, incapaz de tomar ar. Aferrou-se ao bordo do assento e chorou em silêncio, aterrorizada, enquanto o avião de pequeno porte enfiava na pista e se elevava no ar.

Guy manobrou os controles e rumou para Jacobsville, dando graças à Deus por saber pilotar um avião. Podia ver que Candy começava a ficar azul e a perder a consciência.

— Só um pouco mais, carinho. — Suplicou por cima do ruído do motor. — Só um pouco mais! Agüente, por favor!

Seguiu lhe falando e lhe dando ânimo durante todo o trajeto até Jacobsville. Estava tão angustiado por ela que seu medo de voar ficou em um segundo plano. Chamou por radio à torre de controle e recebeu permissão imediata para aterrissar. A aterrissagem foi impecável. Uma ambulância estava esperando na pista com as luzes acesas.

Segundos mais tarde, Candy estava estendida na ambulância, conectada a uma bomba de oxigênio e era atendida por um médico de urgências. Guy lhe apertava a mão enquanto dirigiam a toda velocidade para o hospital, rezando em silencio para não perdê-la logo quando acabava de encontrá-la.

Quando a ambulância se deteve na entrada de Urgências, Candy tinha recuperado um pouco da cor e sua respiração era menos agônica. O médico de plantão acudiu rapidamente junto às enfermeiras e fiscalizou seu ingresso no hospital.

— Pode esperar na sala de esperas. — Disse uma enfermeira a Guy com um amável sorriso. — Não se preocupe. Ela ficará bem.

Era muito fácil dizê-lo, pensou ele. Meteu as mãos nos bolsos dos jeans e começou a andar nervosamente de um lado para outro, alheio às outras pessoas que aguardavam na sala. Não podia recordar a última vez que tinha estado tão assustado.

Olhou para as portas oscilantes pelas quais tinha desaparecido Candy e suspirou. Seu aspecto tinha melhorado uma vez que lhe puseram a máscara de oxigênio, mas Guy sabia que faria falta algo mais para que se recuperasse por completo. Estava quase convencido de que a teriam em observação toda a noite. Oxalá fosse assim. Candy era muito teimosa e não aceitava ordens de ninguém.

Justo quando estava pensando em atravessar as portas, entrou o médico e lhe fez um gesto para que o acompanhasse. Levou-o a um cubículo vazio e fechou a cortina.

— É sua noiva? — perguntou-lhe.

Guy negou com a cabeça.

— É uma publicitária da associação de boiadeiros. Encarregaram-me de acompanhá-la na visitar aos ranchos da região.

— Maldicão! — resmungou o médico.

— O que ocorre?

— Tem o pior caso de asma que vi em anos, mas ela não quer acreditar! Tenho um nebulizador conectado a ela, mas necessitará que um médico especialista a examine e a

trate, ou do contrário isto não será um incidente isolado. Necessita de um especialista imediatamente, mas não posso convencê-la.

Guy esboçou um sorriso irônico.

— Deixe que eu tente. – Mmurmurou. — Acredito que estou começando a entender como tratá-la. Pensa você que esse seu estado vem de muito tempo?

— Sim, nisso eu acredito. A tosse a delata. Muita gente não associa a tosse com a asma, mas, não sendo tão comum como os ofegos é um sintoma. Receitei-lhe um inalador e lhe disse que necessita de um tratamento preventivo.

— Seu próprio médico poderá prescrever-lhe, ela vive em Denver. — Disse Guy. — E não estou seguro de que vá vê-lo muito freqüentemente.

— Pois faria bem em fazê-lo. — Repôs o jovem médico. — Nesta ocasião se salvou por muito pouco. Uns minutos mais e não teria havido nada que pudéssemos fazer.

— Imagino. — Disse Guy tranqüilamente.

— Lhe deve a vida. — seguiu o médico.

— Não me deve nada, mas vou assegurar de que tenha mais cuidado a partir de agora em adiante.

— Me alegro ouvir isso.

— Posso vê-la?

O médico sorriu e assentiu.

— É obvio. Embora não poderá falar com você. Está muito ocupada respirando.

— Melhor. Assim poderá me escutar sem interromper.Tenho muitas coisas a lhe dizer.

O doutor riu e o levou a um cubículo maior onde uma cansada Candy inalava através de uma máscara que lhe cobria parte do rosto. Ao olhar para Guy pareceu irritar-se.

— Asma. — disse ele, sentando-se em um tamborete junto à cama. Disse-lhe isso, não foi?

Candy não podia falar, mas seus olhos eram muito eloqüentes.

— O médico diz que precisa ver um especialista para tratar sua asma.

Ela arrancou a máscara do rosto.

— Sim. — Replicou ele, voltando a lhe colocar a máscara. — O suicídio não é uma opção muito razoável.

Ela esmurrou o lateral da cama.

— Sei, não quer mais complicações em sua vida. — Disse ele. — Mas isto poderia ter tirado sua vida. Tem que tomar as precauções necessárias para que não volte a acontecer.

Os olhos de Candy pareciam soltar faíscas.

— O feno e a palha dos ranchos formam uma combinação letal. — seguiu Guy. — Se for seguir visitando esses lugares terá que tomar cuidado. E eu vou assegurar de que faça isso.

Ela lanço à ele um olhar desafiante.

— Nos ocuparemos disso mais tarde. Respira melhor agora?

Candy duvidou um momento e assentiu. Buscou-lhe o olhar e afastou a máscara por um segundo.

— Sinto que… tenha tido que fazer tudo isso. Está… está bem?

Ele lhe colocou a máscara em seu lugar, comovido pela preocupação que Candy mostrava com ele em um momento tão traumático para ela mesma.

— Sim, estou bem. — respondeu. — Não tive tempo para pensar em mim mesmo nem em meus medos. Estava muito ocupado tentando te salvar. — acrescentou com um débil sorriso.

— Obrigada. — Murmurou ela com voz rouca e espectral.

— Não fale. Respire.

Ela soltou um suspiro.

— Certo.

O nebulizador demorou alguns momentos para esvaziar-se. Quando tudo terminou Candy estava exausta, mas já podia respirar por si mesma.

O médico voltou a vê-la e insistiu no que havia dito antes, sobre um especialista para o tratamento de sua asma. Entregou um inalador de amostra junto a um par de receitas.

— Tem que seguir as instruções e começar um tratamento o mais breve possível. Não quero voltar a vê-la por aqui neste estado. — acrescentou com um sorriso que suavizava suas palavras.

— Obrigada. — disse ela.

— Para isso estamos aqui. — disse o médico. — Você ignorava que tinha asma, e isso me parecia incrível. Alguma vez teve um médico de família?

— Só vou ao hospital quando estou doente. — respondeu ela. — Não vou ao médico constantemente.

— Pois procure um. — O médico recomendou. — Não espere a que seja muito tarde.

Estreitou a mão Guy e saiu da habitação. Guy ajudou Candy a levantar-se e a acompanhou a recepção, onde ela deu seu número de cartão de crédito e direção.

— Tampouco tem seguro médico? — perguntou-lhe.

Ela encolheu de ombros.

— Nunca me pareceu que fosse necessário.

— É absolutamente necessário.

— Esta noite não. Estou muito cansada para discutir. Tudo que quero é voltar para o hotel…

Para Guy não fazia nenhuma graça deixá-la só toda a noite.

— Não deveria ficar sozinha. — Disse, incômodo. — Poderia pedir a uma enfermeira que se fosse contigo.

— Não! — Disse ela com veemência. — Posso me cuidar sozinha.

— Não fique alterada… Ele disse com firmeza. — Isso não te ajudará. Poderia te provocar outro ataque.

Candy soltou uma tremente exalação.

— Sinto muito. Assustei-me.

— E eu também. — Confessou ele. — Nunca tinha atuado tão rápido em minha vida. — Tomou-lhe a mão e a apertou com força. — Não volte a me fazer isto. — Acrescentou com voz tensa.

Saíram ao ar livre e ela girou-se para ele.

— Como vamos ao hotel? — perguntou-lhe com preocupação. — E o que acontece

com sua caminhonete?

— Paddy se ocupará dela. E nós tomaremos um táxi. — Acrescentou com um sorriso. — Vamos. Tenho que fazer alguns acertos para devolver o avião de pequeno porte ao rancho, e logo te levarei aonde queira ir.

Candy esperava que o táxi os levasse ao hotel, mas a direção que Guy deu ao taxista era a da consulta de um médico.

— Mas o que…? — começou.

Mas seus protestos ficaram no ar. Guy pagou ao taxista e a levou a sala de espera do doutor Drew Morris. A recepcionista que substituía Kitty, a mulher de Drew, recebeu-os com um sorriso.

Guy lhe explicou o problema e a mulher os convidou a esperar. Não tinham acontecido nem dois minutos quando os fez entrar em uma sala de observação.

Drew Morris entrou em seguida e procedeu em auscultar Candy com um estetoscópio, ignorando os protestos desta. Segundos mais tarde, tornou-se para trás na cadeira e cruzou os braços ao peito.

— Não sou seu médico, mas serei até que encontre um. Vou receitar-lhe um medicamento preventivo. Terá que tomá-lo junto ao inalador que lhe deu o médico de urgências.

— Como sabe que me deu um inalador? — perguntou Candy.

— Guy me ligou antes de pedir o táxi. — disse Drew. —Tem que tomar os remédios. Se por alguma destas razão deixarem de ter efeito, não incremente a dose. Me chame em seguida ou vá a urgências. Hoje correu um grave perigo. Temos que ser precavidos. Não se pode curar o asma, mas sim, se pode controlá-la. Tem que acautelar esses ataques.

— Certo. — Disse ela. — Farei o que seja necessário.

— Tinha tido problemas como este com antecedência?

Ela assentiu.

— Muitos vezes. Pensava que só se tratava de uma simples alergia. Ninguém em minha família tem problemas pulmonares.

— Não tem por que ser hereditário. Algumas pessoas o padecem, simplesmente… Hoje mais que antes, sobre tudo os meninos. Está se convertendo em um problema cada vez mais grave e estendido, e estou convencido de que a contaminação tem algo que ver.

— O que acontece com meu trabalho? — perguntou ela. — Eu adoro o que faço.

— Qual é o seu trabalho?

— Visito os ranchos e entrevisto pessoas sobre seus métodos de produção. E em todo rancho há celeiros cheios de palha, silos e elevadores de jarros.

— Então deverá levar uma máscara e usar seu inalador antes de aproximar-se desses lugares. — disse Drew. — Não há nenhum motivo que lhe impeça de seguir com seu trabalho. Houve campeões olímpicos com problemas de asma. Não a freará a menos que você o permita.

Candy lhe sorriu.

— Você é muito otimista.

— Tenho que ser. Minha mulher é asmática.

— Como está Kitty? — perguntou Guy.

Drew soltou uma gargalhada.

— Grávida. — Respondeu, ruborizando-se ligeiramente. — Não poderíamos estar mais felizes.

— Parabéns. — Felicitou Guy. — E obrigado por atender Candy.

— Foi um prazer. — Disse Drew, olhando-os a ambos com um brilho inquisidor nos olhos.

— Parece te conhecer muito bem. — comentou Candy quando estavam no táxi de volta ao hotel.

— Eu saía com sua mulher, antes de se casarem. — Contou ele. — Recorda que te falei dela? Kitty tinha ataques de tosse.

— Oh, sim, já me lembro. — Disse ela, um pouco incômoda. Pelo visto Guy tinha saído com muitas mulheres, apesar da dor pela perda de sua noiva.

— Kitty era muito doce e encantadora. Eu gostava muito dela. — Seguiu Guy. — Mas ela amava Drew. Me alegro de que acabassem juntos. Drew estava sofrendo muito pela morte de sua esposa anterior. As pessoas da cidade pensavam que nunca voltaria casar-se. Mas se apaixonou loucamente por Kitty.

— É muito simpático.

— Sim, todos os médicos daqui tem muito carinho com todos. — Disse ele. Inclinou-se para o taxista e lhe disse que parasse na farmácia mais próxima. — Têm que encher os inaladores. Esperaremos que o façam na farmácia e pediremos outro táxi.

— Posso fazê-lo amanhã. — Disse ela.

— Não. — Disse ele categoricamente.

Detiveram-se na farmácia para pedir as receitas e logo seguiram até o hotel. Guy deixou Candy no quarto e se assegurou de que tivesse um cubo de gelo e algumas bebidas antes de partir, de modo que não tivesse que sair para buscá-las.

— Tente descansar um pouco. — sugeriu ele.

— Mas logo tenho que relatar o que vimos no rancho do Matt — protestou ela com o cenho franzido. — Como vou escrever o artigo?

— Matt disse que podia te enviar por fax a informação que precise. Respondeu ele — Explicarei a ele a situação para que possa preparar as perguntas.

— Isso seria muito amável de sua parte. — Disse ela.

Ele lhe sorriu, sentindo-se protetor e possessivo de uma vez.

— Poderia me acostumar isto a, sabe?

— A que?

— A cuidar de ti. — Respondeu brandamente, e se inclinou para lhe roçar a boca com os lábios. — Deite-se e descansa por um momento. Voltarei mais tarde para te buscar e te levarei para jantar.

Ela fez uma careta.

— Eu gostaria. Mas estou muito cansada, Guy.

Realmente parecia cansada, com expressão de fadiga e rugas ao redor da boca e os olhos.

— Nesse caso, trarei algo. — Propôs ele. — O que você gostaria?

— Pizza! — Respondeu ela imediatamente.

— Certo! — Disse ele com um sorriso. — Te verei as seis.

— Certo…

Guy acabou suas tarefas no fazenda, depois que Paddy o levou de caminhonete a cidade. Levou a Paddy ao rancho e logo foi procurar o jantar para Candy. Levou-lhe a comida ao hotel, onde jantaram em silêncio e logo viram um filme na TV.

Não tinha acabado o filme quando Candy estava enroscada contra ele, dormindo placidamente. Guy a abraçou, maravilhando-se pela intimidade que compartilhavam, pela fragilidade de Candy e por sua própria força. Não tinha pensado em comprometer-se com ninguém desde que perdeu Anita, mas Candy se deslizou em sua vida com tanta naturalidade que ele tinha aceito sua presença sem o menor receio.

Desceu o olhar a seus tenros olhos fechados. Não queria voltar para fazenda. Queria ficar ali com ela toda a noite. Mas se fizesse isso, a estaria pondo em um compromisso. E não podia arriscar-se a isso. Não era provável que Candy queria comprometer-se. Seria uma loucura começar algo com uma mulher que vivia a vários estados de distância, mas Guy não podia tirar a idéia da cabeça.

Naquele momento soube que Candy o tinha de uma maneira que nenhuma distância nem circunstância poderia romper. E estava assustado.

Capítulo 5

Guy desceu a cabeça e beijou as pálpebras de Candy, roçando-as brandamente com os lábios até que estas se levantaram.

Candy o olhou meio sonolenta, mas com uma confiança absoluta. Rodeou-lhe inconscientemente o pescoço com os braços e puxou-o para baixo para beijá-lo com calma e ternura.

Ele gemeu e ela sentia-se como se movia para acomodar o corpo ao dele. O beijo aumentou, até que uma das largas pernas de Guy se deslizaram entre as suas.

Aterrorizada pela repentina falta de ar, Candy o empurrou no peito.

Ele levantou a cabeça, respirando agitadamente, e em seguida entendeu por que ela se afastava.

— Sinto… — Murmurou, e deslocou a boca até seu queixo, seu pescoço e a abertura da blusa enquanto com os dedos desabotoava os botões para expor a pele suave a seus lábios.

Candy não protestou quando ele lhe tocou no ombro em sua carne que nunca tinha recebido o contato de um homem.

Cedeu imediatamente e se arqueou para receber seus lábios, afastando o tecido para lhe facilitar o acesso. Sentiu como sua boca se fechava em torno do mamilo endurecido, e a repentina pressão a fez gemer de prazer.

Ele levantou a cabeça e olhou o ponto que sua boca acabava de tocar. Acariciou-lhe sensualmente o seio e se inclinou para voltar a beijá-lo, antes de lhe abotoar a blusa.

Candy o olhou com olhos indagadores, mas ele sorriu e a beijou brandamente nos lábios.

— Temos todo o tempo do mundo. — sussurrou. — Mas neste momento está ferida e eu tenho que cuidar de ti.

Os olhos de Candy se encheram de lágrimas. Nunca tinha recebido uma ternura

semelhante. Era uma sensação completamente nova e entristecedora.

— Não chore. — Pediu ele, lhe afastando as lágrimas com beijos. — Agora vai ficar bem. Nada de mau te ocorrerá enquanto eu estiver por perto.

Ela se afastou dele com todas suas forças e enterrou o rosto em seu pescoço enquanto as lágrimas transbordavam.

— Oh, Candy. — Murmurou ele, e a balançou em seus braços até que ela recuperou o controle. Então se levantou da cama e afastou-se dela.

— Sinto… — Soluçou ela. — Suponho que estou cansada.

— Eu também. — Respondeu ele, lhe roçando o nariz com a boca. — Vou voltar para a fazenda. Quer que te traga alguma coisa antes de ir?

Ela negou com a cabeça e sorriu.

— O que acontecerá com a pescaria de amanhã?

Guy sorriu.

— Estou disposto se você estiver.

— Tomarei os remédios. — Disse ela, embora sem muito entusiasmo.

— Se não fizer, não iremos a nenhuma parte. — Advertiu ele.

Ela enrugou o nariz.

— É um desmancha-prazeres.

— Odeio os hospitais. – Limitou-se a responder. — Temos que te manter longe deles.

— Tentarei.

— Bom.

— Obrigado por salvar minha vida. — Disse ela, muito séria. — Sei que voltar a pilotar um avião deve te trazer lembranças horríveis.

Guy não estava disposto a admitir. Não queria pensar nisso.

— Tente dormir um pouco. — Disse com um amável sorriso. — Quero ver você radiante pela manhã.

— Se tiver vontade de ir, iremos. Se não, encontraremos outra forma de passar o tempo, de acordo?

— De acordo. — Respondeu ela com um sorriso vacilante.

Guy a soltou e voltou para a fazenda, mas não conseguiu pregar olho. Uma e outra vez via o rosto da Anita. Finalmente se levantou com um gemido e desistiu de seu intento de apagar as lembranças. Era inútil.

Na manhã seguinte, Guy e Candy foram pescar ao rio, armados com canos, cevas e anzóis. Na opinião de Candy, era uma ingenuidade tentar pescar algo com métodos tão primitivos. Guy se limitou a sorrir. Acendeu uma pequena fogueira e pôs uma frigideira para esquentar. A idéia era tentadora, mas estiveram três horas sentados na borda sem conseguir outra coisa que picadas de tábanos e mosquitos.

— É por estes arranjos pré-históricos. — Comentou Candy com um olhar malicioso. — Certamente os peixes estão rindo de nós no fundo do rio!

— Não é pré-histórico. — Disse ele. — Dá aos peixes uma oportunidade.

— Uma oportunidade! — Espetou ela, fazendo um gesto para o rio. — Quem tem essa idéia de pescar usando iscas do que usando uma boa lubina?

— Espera o próximo torneio de pesca. — Repôs ele com um sorriso zombador. –

Logo veremos.

Candy sorriu. Gostava de discutir com ele. Guy era muito divertido. Com ele sorriu mais nos últimos dias do que em toda sua vida. Guy a fazia sentir-se viva e a fazia encarar o futuro de uma nova perspectiva. Deixou o cano e se estirou perigosamente enquanto soltava um suspiro. Guy a observou com interesse.

— Uma mulher que gosta de pescar. — Murmurou. — E que não se importa de manchar as mãos…

— Eu também gosto de jardinagem. — comentou ela. — Estava acostumada a plantar flores quando vivia em casa. Mas agora ninguém faz isso.

Ele fez uma careta com os lábios e olhou o suave fluxo do rio. Estava pensando em canteiros floridos e em uma casinha grande o bastante para duas pessoas. Ela o olhou com seus grandes e quentes olhos.

— Passei bons momentos aqui. bastante Disse ela. — Lamento ter que ir amanhã.

A realidade caiu totalmente em Guy, quem girou a cabeça e a olhou. Encontrou-se com os alhos de Anita, olhando-o fixamente.

— Tem que partir? — perguntou, piscando um par de vezes.

Ela assentiu tristemente.

— Tenho que escrever todos esses artigos e me ocupar do trabalho atrasado. Tenho certeza que minha mesa está enterrada sob uma montanha de papéis.

— Em Denver…

— Sim, em Denver. — Afirmou. Recolheu o linha e deixou o cano junto a ela. — Esta foi a semana mais maravilhosa da qual posso me recordar. Obrigada por haver salvado a minha vida.

Guy franziu o cenho. Tinha a vista fixa em sua próprio linha, mas não a estava vendo.

— Não poderia ficar outra semana?

— Não poderia justificar o atraso. — Disse ela tristemente. — Não posso me esquecer de meu trabalho e fazer o que me agrade. Já não tenho a minha mãe para que me mantenha. — Acrescentou. — Devo trabalhar para viver.

Guy se sentia mais mal-humorado do que tinha estado em anos. Atirou a linha e a enrolou entorno da vara de pescar.

— Sei o que é isso. — Disse. — Eu também trabalho para viver. — Girou a cabeça e a olhou aos olhos.

Queria lhe pedir que ficasse. Queria lhe dizer o que começava a sentir por ela. Mas não podia encontrar as palavras.

Ela viu a dúvida em sua expressão e se perguntou qual seria a causa. Ele se levantou e recolheu em silêncio os canos. Levou-os a caminhonete e olhou seu relógio.

— Hoje vem outro grupo de boiadeiros à fazenda. — Convidaria você para almoçarmos, mas não tenho tempo.

— Não há problemas. — Respondeu ela com um sorriso. — Entendo. Embora não tenhamos pescado nada.

Guy desejou poder fazer algum comentário jocoso, mas a tristeza lhe oprimia o coração. Apagou a fogueira, recolheu a frigideira e a garrafa de azeite e o levou tudo à caminhonete.

Conduziu em silencio até o hotel, sumido em uma atitude distante e taciturna.

Ao chegar, Candy desceu da caminhonete e fez gesto de dirigir-se para seu quarto, mas aguardou um momento com a porta aberta.

— Suponho que não terá que ir a Denver para nada. — Disse.

Ele negou com a cabeça.

— A verdade é que não.

— E esta é a primeira vez que eu venho a Jacobsville. Não acredito que me façam vir outra vez.

Ela olhou nos olhos dela e lhe doeu ver a tristeza que escurecia seu rosto. De novo estava recordando Anita… recordando o que havia sinta ao perdê-la.

— Foi muito divertido. — Disse com um sorriso forçado. — Gostei de conhecer você. E não se esqueça de seus remédios. — Acrescentou com firmeza.

— Saberei cuidar de mim mesma. — Assegurou ela. — Faça você o mesmo. — Acrescentou amavelmente.

Guy não gostou nada da preocupação que viu em seus olhos nem da suavidade de sua voz. Não queria amar alguém que tinha tanta pressa por abandoná-lo. Inclinou-se sobre o assento e fechou a porta.

— Espero que tenha uma boa viagem de volta. — Disse à ela e saiu disparado do estacionamento.

Ela ficou olhando enquanto se afastava, perplexa. Tinha acreditado que algo estava nascendo entre eles, mas Guy parecia muito impaciente por afastar-se dela. Mordeu o lábio inferior e girou-se para seu quarto. Era surpreendente quão equivocado tinha demonstrado estar ultimamente seu instinto, pensou enquanto abria a porta. Parecia que não podia confiar em seu critério no que se referia aos homens.

Guy estava sentindo algo similar enquanto conduzia furiosamente de volta à fazenda. Não podia suplicar a Candy que ficasse. Se seu trabalho era tão importante para ela, quem era ele para detê-la? Talvez tinha precipitado muito em suas conclusões e ela não o desejava para nada permanente. Aquele pensamento o irritava e quanto mais pensava nisso, mais frustrado se sentia.

De noite não podia agüentar mais. Jantou no barracão e logo foi até o bar mais famoso do condado para beber até esquecer.

Era consciente da estupidez que estava fazendo, de modo que bebeu ainda mais. Em poucos minutos tinha os olhos chorosos e estava procurando briga.

Cy Parks, normalmente tão insociável e que apenas se deixava ver pela cidade, tinha passado pelo bar para tomar uma cerveja e o viu entrar. Fez idéia do porquê de Guy estar ali, e sabia quem era a única pessoa que podia fazer algo. Saiu do bar e foi para o hotel onde Candy estava alojada.

Bateu na porta com sua mão sã e Candy abriu. Estava de jeans e um Top e o cabelo solto lhe caía até os ombros. Ficou boquiaberta ao ver quem estava em sua porta.

— Senhor Parks! — exclamou. — Veio para me dizer algo sobre o artigo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Chamei Justin Ballenger do meu carro e lhe perguntei onde você estava hospedada. — Explicou. Seus negros olhos brilhavam, e não só de impaciência parecia quase divertido. — Pensei que talvez gostaria de saber que Guy Fenton está se

embriagando no bar. Parece disposto a criar muita confusão. Pensei que possivelmente você poderia tentar detê-lo, e impedir que ele acabasse na prisão.

— Na prisão? — Repetiu ela, horrorizada. Cy assentiu.

— Falam por aí que o xerife não lhe dará uma segunda oportunidade se voltar a destroçar o bar.

— O, Meu Deus… — Murmurou ela. — Pode me levar até lá?

Cy voltou a assentir.

— Para isso vim.

Candy não duvidou nem um segundo. Subiu de um salto ao luxuoso carro de Cy fechou o cinto de segurança antes que ele se sentasse ao volante.

— Eu o obriguei a voar. Tive um ataque de asma no rancho Caldwell e ele teve que me trazer para ao cidade no avião do Matt para poder chegar a tempo. Por minha culpa as lembranças daquela pobre garota que morreu no acidente voltaram a atormentá-lo. Pobre Guy…

Cy a olhou.

— Está segura de que foi isso o que o levou ao bar?

— Não me ocorre nenhuma outra explicação.

Cy sorriu para si mesmo.

— Justin diz que você falou à ele que partirá amanhã.

— É certo. — Disse ela. — O chefe só me deu uma semana para preparar estes artigos. Não posso ficar mais tempo.

Cy não disse nada, mas permaneceu pensativo enquanto conduzia. Estacionou em frente ao bar e apagou o motor.

— Quer que entre contigo? — Ofereceu a Candy. Ela o olhou de cima abaixo e esteve a ponto de dizer que sim. Cy parecia um homem duro, inclusive com uma mão danificada. Mas seria uma covardia proteger-se atrás de um homem, pensou Candy.

— Obrigada, mas acredito que irei sozinha. — disse.

— Então esperarei aqui fora. — Respondeu ele. — No caso de…

Candy sorriu.

— Obrigada.

Saiu do carro e caminhou com cautela para o bar. Não se ouvia nada, nem o som dos copos, nem murmúrios de conversações, nem música. O grupo estava sentado em silêncio, e os clientes se apinhavam em torno de uma mesa de bilhar. De repente um pau de bilhar surgiu sobre as cabeças e voltou cair com força. Ouviu-se um rangido sinistro, seguido de um ruído surdo e um impacto mais forte.

Seguindo sua intuição, Candy avançou para multidão. Guy estava inclinado sobre um vaqueiro que lhe sangrava o nariz. Tinha os punhos apertados e uma expressão ameaçadora.

Sem duvidá-lo, Candy se lançou para ele e lhe agarrou um de seus grandes punhos com as mãos.

Ele deu um coice e a olhou como se estivesse alucinando.

— Candy? — Chamou com voz áspera. Ela assentiu e sorriu com mais segurança da que sentia.

— Vamos, Guy.

Apertou seu punho até que conseguiu que Guy o abrisse e lhe agarrasse a mão. Sorriu-lhe timidamente à desconcertada audiência e voltou a caminhar, fazendo que Guy a seguisse torpemente.

— Não se esqueça do chapéu! — Gritou um vaqueiro, arremessando o chapéu de abas largas de Guy. Candy o apanhou no vôo.

Os murmúrios foram crescendo à medida que se aproximavam da porta. Ao sair, Guy encheu os pulmões do fresco ar noturno e esteve a ponto de tropeçar nos degraus. Candy ficou sob seu braço para sustentá-lo.

— Meu Deus, Candy… não… não teria que estar aqui. — Conseguiu dizer ele. — Poderia ter acontecido algo à você em um antro como este!

— O senhor Parks me disse que a polícia te deteria se voltasse a destroçar o local. — Disse ela simplesmente. — Você me resgatou, e agora sou eu quem resgata você…

Guy começou rir.

— Vá… — murmurou. — E agora que me resgataste, o que vais fazer comigo? — perguntou-lhe em tons sensual.

— Se tivesse um pouco de sentido comum, daria-te com uma frigideira na cabeça. — Resmungou Cy. Afastou-o de Candy e levou-o até o carro. Colocou-o a empurrões no assento traseiro e fechou com uma portada atrás dele. — Deixaremos ele na fazenda e logo te levarei ao hotel. Justin enviará alguém para recolher a caminhonete.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou-lhe Guy em tom agressivo. — Foi você que trouxe Candy?

— Claro. — Respondeu Cy com sarcasmo enquanto tirava o carro do estacionamento.

— Foi em seu próprio carro até o hotel, tirou-me da cama e me obrigou a vir te buscar.

Guy piscou, perplexo.

— Sinto haver feito você voar. — Disse Candy, girando-se no assento para olhar à ele. — Sei que foi essa a razão para estar assim.

— O que? Voar? — Murmurou ele, ligeiramente confundido. — Não. Não foi isso.

— Então o que foi?

— Quer ir para casa. — Disse ele pesadamente. Recostou-se no assento e fechou os olhos, alheio ao olhar da mulher que tinha diante dele. — Quer ir embora e se afastar de mim. Tinha um trabalho do qual eu começava a gostar, mas se não posso te ter, nada me vale a pena.

Cy trocou um olhar divertido com uma Candy que ficou absolutamente perplexa.

— E se ficasse? — perguntou a Guy. — O que poderia lhe oferecer um homem que se embebeda todos os sábados de noite?

— Se ficasse, não teria nenhum motivo para beber nos sábados à noite. — Murmurou Guy sonolento. — Compraria uma casinha com jardim e ela poderia plantar flores. — Soltou um bocejo. — Um homem poderia matar-se de trabalhar por uma mulher como ela, tão especial, tão…

Então ele dormiu… Candy sentiu que o coração lhe subia até a garganta.

— Só está bêbado. — Disse, tentando racionalizar o que tinha ouvido.

— É como o soro da verdade. — Replicou Cy. — E agora que sabe, irá embora da

cidade? — Perguntou-lhe, olhando-a fixamente.

— Está brincando? — Perguntou ela com os olhos muito abertos.

— Como vou partir depois de uma confissão como esta? De maneira nenhuma, vou ser a sombra de Guy até que me compre um anel!

Parks jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Guy despertou em uma grande cama que não era a sua. Abriu os olhos e viu um teto que não se parecia com o do barracão. E podia ouvir uma respiração suave que não era a sua.

Girou a cabeça… e ali, a seu lado, coberta por um lençol, estava Candy Marshall, dormindo placidamente. Levava uma camisola curta de seda rosa e seu comprido cabelo escuro se derramava sobre o branco travesseiro.

Guy se olhou e viu que ainda estava com a roupa da noite anterior, menos as botas. A cabeça começou a lhe palpitar.

— Oh, Deus… — Murmurou com um gemido, ao dar-se conta do que tinha passado. A pergunta era como tinha chegado até ali, como foi parar em uma cama com Candy?

Ela se agitou e abriu seus encantadores olhos aveludados.

— O que estamos fazendo em uma cama? — Perguntou ele, ainda aturdido.

— Não muito — repôs ela.

Ele riu brandamente e sentiu a cabeça.

— Que tal uma aspirina e um pouco de café? — Perguntou-lhe ela.

— Que tal um tiro? — sugeriu ele.

Candy se levantou da cama com um movimento elegante e sensual e foi ligar a cafeteira do quarto. Tirou um frasco de aspirinas da bolsa e se deteve antes de levá-lo todo à cama para usar o inalador.

— Boa garota. — Murmurou Guy com voz rouca.

— Bom, tenho que cuidar de mim mesma para poder cuidar de ti. — Disse, levando a aspirina e um copo de água. — Tome isto. — Ordenou. — E quando se atrever a pisar em um bar num sábado a noite, darei-te com uma frigideira de ferro na cabeça!

— Seria detida por abusar de seu namorado! — assinalou.

— Por que não começa apregar com o exemplo? — desafiou-o ela.

Guy soltou uma débil gargalhada e tomou a aspirina.

— Certo! Irá se casar comigo, com defeitos e tudo?

— Só faz uma semana que nos conhecemos. É muito provável que você não goste quando me conhecer melhor.

— Sim eu gostarei. Casará comigo?

Candy esboçou um sorriso encantador.

— Claro que sim!

Guy voltou a rir, desta vez de puro gozo.

— Você se importaria de vir até aqui para selarmos o trato?

Ela duvidou um momento.

— Não, melhor não. Está em um estado lamentável. Primeiro tem que se recuperar de sua ressaca e te lavar um pouco.

Guy suspirou.

— Suponho que devo ter um aspecto horrível.

— E ainda cheira a álcool. Por certo, eu não bebo. Nunca.

Ele se apressou a levantar uma mão.

— A partir de agora, juro que não beberei mais que café, você ou leite.

— Bom menino. Nesse caso, podemos nos casar na semana que vem. Antes do sábado a noite. — Acrescentou com um sorriso.

Guy a olhou com olhos muito abertos.

— Não fui beber por ter tornado a voar — confessou — Mas sim porque tinha te perdido. Não suportava que fosses abandonar-me. Mas nesta ocasião o álcool não me serve de nada. Se casar comigo, não voltarei a ter necessidade de beber nem de esquecer. Teremos uma casa com jardim onde possa plantar flores… E podemos ter filhos. — Acrescentou, percorrendo seu corpo com o olhar.

— Eu adoraria — disse ela com um radiante sorriso.

— Poderia ser arriscado.

— Consultaremos o doutor Morris. Já que vou viver em Jacobsville, ele pode ser meu médico.

Guy lhe dedicou um olhar carregado de sentimento.

— Não sabia que algo assim poderia acontecer. — Disse. — Acreditava que o amor estava morto e enterrado. Mas não é assim.

O sorriso de Candy se alargou ainda mais.

— Eu nem sequer sabia o que era o amor… até agora.

Guy abriu os braços e ela se refugiou neles, e por um comprido momento os dois estiveram em silêncio, compartilhando o maravilhoso amor que nascia entre os dois.

Finalmente ele levantou a cabeça e contemplou o tesouro que tinha nos braços.

— Se quiser, posso voltar a trabalhar em minha empresa de transporte aéreo.

— Você quer?

Ele pensou na pergunta durante um minuto.

— A verdade é que não. Isso foi parte de minha vida em seu tempo, mas sempre estará relacionado com as más lembranças. — Disse, e lhe pôs uma mão nos lábios quando ela se dispôs a falar. — Não, sigo tendo saudades de Anita. — Acrescentou tranqüilamente. — Sempre sentirei falta dela e lamentarei sua morte. Mas meu coração não foi enterrado com ela. É contigo com quero estar e são seus filhos os que quero ter. E gosto de trabalhar na fazenda. Em certos aspectos, é um desafio. — Sorriu. — E se você dedica-se a promocionar a associação de boiadeiros, teremos muito mais em comum.

— Me permitiriam fazê-lo? — perguntou ela sorrindo.

— Suplicarão para que faça! — assegurou-lhe ele. — A pobre senhora Harrison é quem se ocupa disso, e odeia até a última palavra que escreve. Fará-te bolos e bolos se a livrar dessa fatigante tarefa.

— Nesse caso, acredito que eu gostarei muito de fazê-lo.

— E além disso trabalharíamos juntos. — Seguiu ele, e se inclinou para beijá-la com ternura. — Oh, Candy, o que tenho feito para merecer alguém como você? Amo-te!

Candy apertou-o contra ela.

— E eu amo você!!!

Nenhum dos dois se perguntou como era possível que o amor os tivesse surpreendido de forma tão repentina. Casaram-se e passaram a lua de mel em Galveston,

desfrutando de intensos passeios pela praia e da paixão que encontravam um nos braços do outro.

— Minha mãe quer vir nos visitar quando voltarmos da lua de mel. — comentou Candy a Guy depois de uma larga e doce manhã de prazer, junto a ele sob o lençol. — Me disse que esperava que fôssemos felizes.

— Seremos. — Murmurou ele, lhe acariciando o cabelo. — Quer vê-la?

— Acredito que vai chegar a hora de fazer as pazes com ela. — respondeu Candy. — Talvez eu seja tão culpado como ela por viver ancorada no passado. Mas se acabou. — Acrescentou olhando-o com olhos cheios de amor. — Eu adoro estar casada.

— Isso é uma insinuação? — sussurrou ele, tombando-se em cima dela.

— Uma insinuação descarada. — Disse ela, lhe rodeando uma perna com a sua, e gemeu brandamente quando ele a beijou nos lábios.

— Qualquer coisa para te agradar…

Ela riu e afogou um gemido ao tempo que uma espiral de prazer começava a lhe percorrer o corpo. Fechou os olhos e se abandonou à deliciosa sensação. O amor era o mais indescritível dos prazeres compartilhados, pensou.

Lá fora as ondas rompiam na praia e as gaivotas chiavam à luz do amanhecer. Os sons do exterior chegavam a Candy, mas estava tão perto do céu que logo não ouvia nada.

Quando o vendaval de prazer amainou, Candy sustentou um Guy exausto contra seu coração e pensou em jardins floridos e em um futuro cheio de delícia e felicidade. Fechou os olhos e sorriu enquanto sonhava.

Guy sentiu como o corpo de Candy se relaxava e contemplou seu rosto adormecido com uma expressão amorosa. De viver um pesadelo a viver aquilo, pensou… Graças a Candy voltava a ser um homem íntegro. Ela tinha apagado a culpa do passado e a dor, e lhe tinha devotado um coração novo para adorar. E ele sabia que seus dias com a bebida tinham terminado para sempre. Candy o faria feliz, e ele a ela.

Ele a abraçou com ternura e cobriu a ambos com o lençol. Antes de dormir, sua mente já tinha começado a desenhar os planos dessa casinha em que os dois compartilhariam o resto de suas vidas.

**** Fim ****